

# AVATARES DA MEMÓRIA

História, Paisagem e Património do concelho de Moimenta da Beira



Jaime Ricardo Gouveia

**Jaime Ricardo Gouveia**

# **AVATARES DA MEMÓRIA**

**História, Paisagem e Património do concelho de Moimenta da Beira**

**2013**

**Ficha Técnica:**

**Autor:** Jaime Ricardo Gouveia

**Título:** *Avatares da Memória. História, Paisagem e Património.*

**Capa:** Segões (foto da Junta de Freguesia de Segões)

**Prefácio:** Alberto Correia

**Edição:** Pangeia editores

**Tiragem:** 500 ex.

<http://avataresdamemoria.blogspot.pt/>

## ÁLBUM DE RETRATOS

Página a página desdobrei as crónicas deste livro como se fosse um álbum de retratos. Povos inteiros, aldeia ou vila, desenhados sobre o fundo de um tempo antigo, imagens recuperadas desde as orcas, desde os castros, até aos dias de hoje, esfumadas as mais longínquas, límpidas as outras, e depois essa sábia montagem que nos é oferecida, ilustração e deleite, o álbum folheado sobre a mesa ou no regaço, talvez preso da mão, talvez roteiro para quem de mais perto quiser ver o documento original.

Jaime Gouveia traz-nos o mapa dessa pequena pátria onde pertence, das palavras faz rio e monte e com elas tece a colorida manta de retalhos desses povos, às vezes milenares, cujo rasto permanece nas pedras queimadas de uma arquitectura primeva, nas cruces dos caminhos assinaladas com Alminhas, num esquisito linguajar de iniciados, no impressionante desenho dos campos cultivados, na herança cumprida de uma procissão de votos, nos cantares do linho, nas místicos ritos de exorcizar maleitas ou arramar as trovoadas.

É sempre uma mágica viagem. Leva-nos ao cerros, subindo caminhos de gados ou romeiros, às vezes de madrugada, um “ventinho levantisco” gostoso de sentir, e o nascer do sol como se fosse a primeira vez, e o despertar da aldeia, na alva, águas de rega cantando em córregos, se for Inverno passos quebrando a geada, orvalho de solstício de Verão, rosmaninho queimado, neblinas de Outono com os centeios semeados, o mosto recolhido e as castanhas quase caindo. E as chuvas abonadas e as neves derretendo lentamente, águas esbanjadas por fontes e ribeiros, limando ervagens, nascente de um rio.

E os íncolas primeiros de quem ficamos a saber. A terra esgaravatada que falou. Telhas partidas, pesos de tear, pedra marcada de sinais. A leitura de um pergaminho. As vozes escutadas dos antigos. Os cemitérios de dólmenes falam dos primeiros. Depois foram os castros no cimo dos montes. E as transfigurações que Roma trouxe marcadas num chão cultivado, na traça das estradas, nos marcos que marcam a lei, por fim na cruz arvorada que tudo cobriu. Godos que deixaram nomes e sangue e mouros recordados pelos muros velhos, pelas campas abertas em outeiros que não lhes pertenceram, pelas lendas de princesas que ninguém sabe retirar do encanto. E os cristãos triunfantes. Servos e senhores. Pelourinhos. Casas de Câmara e de Cadeia. Palácios de fidalguia.

E o pão ganho com suor. Centeio e trigo, milho, castanha. Azeite, às vezes. E vinho. Quase mais nada diz o cura que em 1758 lhes escreveu a história, às paróquias e aos seus pequenos povoados. E a caça da lebre, do coelho, da perdiz, nos montados. E as hortas que havia. E o linho. E o almocreve que passava. E um circo com a comédia. E os emigrantes que partiam para o fim do mundo. E, de Alvite, os cabaneiros.

E um tempo sagrado que havia. Orcas, primeiro, de gente que cria no além. Fontes santas. Penedos riscados com mágicos sinais ou encimados pela cruz. E as igrejas carregadas de silêncio, de arte e de mistério. E a festa do patrono. E as capelinhas, tantas delas com ex-votos. As procissões. Fogueiras de S. João ou de Natal. Ensalmos. Rezas contra o mau-olhado. E os conventos e mosteiros que uma estranha lei mandou fechar.

Jaime Gouveia, eu creio que ele ainda traz, lá de longe, algum do linguajar de seus avós, que ainda foi beber nessa fonte onde António de Séves e Aquilino Ribeiro se dessedentaram, émulo de quem herda o acrisolado amor que tem por sua terra. Mensageiro que ele é, traz em sua mão este álbum de retratos. E no-lo estende e nos diz, sábio e humilde, que às páginas do álbum poderemos acrescentar qualquer imagem. Mas não podemos. Só nos resta seguir o mapa. Só nos resta ler com o coração.

Alberto Correia

## Intróito

Compreende este livro o conjunto de artigos que publiquei no Jornal Beirão sobre os povos que integram hoje o concelho de Moimenta da Beira. Trata-se de uma antologia, por um lado, de narração de pensamentos, sentimentos, experiências sensitivas; e, por outro, de divulgação do conhecimento histórico-patrimonial que mais importa relevar em cada um desses rincões, com base em aturadas pesquisas e reflexões. Postula-se muito, é certo, para que se visite cada uma dessas partículas, mas nunca sem serem dadas ao leitor razões de sobra para tal requerimento.

Porquê *Avatares da Memória*? Foram os gregos antigos quem fizeram da Memória uma deusa, de nome *Mnemósine*, mãe das nove musas procriadas durante nove noites passadas com Zeus: *Clio* (história), *Euterpe* (música), *Talia* (comédia), *Melpómene* (tragédia), *Terpsícore* (dança), *Erato* (elegia), *Polínia* (poesia lírica), *Urânia* (astronomia) e *Calíope* (eloquência). Porém, a relação entre *Mnemósine* e *Clio* não é assim tão linear. Há um emaranhado de relações que vinculam e separam a Memória da História.

Como aclarou Joel Caudau em *Mémoire et Identité*, a transmissão histórica difere radicalmente da transmissão memorial. São ambas representações do passado mas enquanto a primeira assume como objectivo a exactidão dessa representação respondendo a um desejo de ordem, a segunda satisfaz-se com o seu carácter plausível e deixa-se atravessar pela desordem da paixão, das emoções e dos afectos. De acordo com o mesmo autor ao incorporar certos traços da memória a história é dela filha. Como *Mnemósine*, assevera ainda, também *Clio* pode ser arbitrária, falível, caprichosa, selectiva dos factos que procura compreender. Como ela, pode refazer o passado a partir de pedaços escolhidos, pelo que as suas motivações, objectivos e métodos revelam sempre a recolha de algumas características da memória.

A construção intelectual e psíquica aqui laborada, ao supor uma representação do passado com a pretensão de exactidão e fidedignidade, e uma evocação descritiva do presente, que não deixa de ser selectiva pois nem tudo pode abarcar, apresenta-se como uma transmissão que se situa na confluência entre a memória e a história. Ao supor uma narração onde o conhecimento histórico sobre determinada realidade histórica se tece com a descrição dos traços que dessa mesma realidade chegaram até ao presente, apresenta-se não como produtora de uma memória senão como criadora de visões sobre a latência de determinadas memórias no presente. Visões do presente sobre a transmutação e latência de determinados factos do passado onde o autor não é quem recorda mas quem evoca a recordação. Este produto do divórcio entre sujeito e objecto e das interpenetrações e repelências entre memória e história confere aos textos aqui apresentados o carácter não de memórias mas de avatares da memória.

Ensaia-se aqui, pela primeira vez numa visão de conjunto, uma descrição histórica, patrimonial e paisagística dos povos moimentenses. Focada em todos e não apenas nos de limiares menos exíguos. Nada se sabe senão lembrando e, considerando que a linguagem é o oxigénio da memória, para lembrar é necessário escrever.

Disseram-me, algumas vezes, que estes avatares da memória tinham traços do sentimentalismo regionalista de outros tempos. É uma asserção plausível, porquanto o livro denota exercícios kantianos de intuição do pensamento como sentimento. Mas, perceberá o leitor - assim o creio, que se estende muito para além deles.

Se deixei de parte algo? Há uma incomensurabilidade de aspectos sensíveis inenarráveis, pelo que os quadros que aqui se gizam resultam de uma, tão só uma, determinada visão. Uma visão singular. Como há, por seu turno, no que respeita aos domínios da História e do Património, variados aspectos não referenciados em virtude da inexistência de fontes que o permitam.

## Arcozelos

Publicado no dia 14/09/2012

Arcozelos é uma terra histórica e esbelta. Por onde nela entrarmos deparar-se-nos-á tudo arvoredo, tudo matagal, tudo terra do princípio do mundo. Mas também encontraremos oiteiros onde nada se alcança senão musgo pastando herpes lucilantes. No centro populacional, onde a agitação gravita, não menos se nos imprimirá na retina a comunhão do presente com os tempos já idos.

Subindo aos altos escalvados como os montes, que os há em abundância, abre-se caminho à observação da espacidão. Tão bela é a encosta que se sucede por terras fartas e férteis. O homem aqui agarrou-se aos cumes e aos cerros com a contumácia e o frenesim de um carvalhão por entre dois fragões, mas também se fixou nos plainos de grandeza atónita. Esta simbiose entre o picoto e o vale, entre a Torre e o Cabo, faz com que a paisagem dos Arcozelos se touque de todos os tons de uma bucólica plácida. Convidativo apelo a que nela nos emaranhemos. O que não faremos senão com prazer.

Aqui, no cume como no vale, é de gosto observar a natureza. As escondidas do astro rei são um desses encantos. De vez em quando, um sol bravo, mais impetuoso que um toiro, desembosca-se de uma nuvem parda rechinando céu e terra. Mas, o vento, também ajuda a esta observação memorialístico-natural. Zarpa aqui um daqueles que nunca falta, como feitor zeloso, ramalhando nos arvoredos, fazendo-se por vezes burburinho e desandando a bailar com pernas mais altas que pinheiros velhos, atravessando a terra de fio a pavio a farandolar. Mirante incondicional também são estas paragens. Para a terra e para o céu de estrelas doiradas das pupilas a chamejar como brasas quando lhes assesta o vento. Por fim, na matriz desta terra encontramos um granitão rijo como os chifres do Diabo, aproveitado desde tempos remotos sobretudo para a construção do casario à maneira beiroa, para portais, para eirados e para murais encastoados com várias polegadas de altura.

Capelania da Rua, sendo o cura apresentado pela reitoria aí criada, a paróquia de N. Senhora de Entre as Vinhas dos Arcozelos, como se chamava, fez parte do concelho de Caria até ao ano de 1834, altura em que passou a integrar o de Moimenta. Estendem-se as terras arcozelenses desde a ribeira de Leomil até à Quinta de Porquinhas, passam pelas matas do Verdeal e espriam-se pelos campos da Ribeira do Tedinho. Toitam, Admeios, Porquinhas, Seixo, Arcozelo da Torre e Arcozelo do Cabo são os topónimos mais importantes que assinalam a aglutinação da comunidade arcozelense.

É terra de casas senhoriais, algumas das quais brasonadas, tendo existido, numa delas, uma torre onde se arrecadavam os foros reais, segundo informação da memória paroquial de 1758, escrita pelo padre Inácio Vicente. É terra de sepulturas remotas escavadas na rocha (na *Gaia* e na *Senhora da Cabeça*), de espécimes artefactos raros como a *Pedra do Responso*, de fontes antigas e de dois ribeiros que obrigaram à construção de pontes arcadas. É também terra de belos monumentos religiosos, uns do povo outros de particulares, alguns dos quais soçobraram com o tempo, nomeadamente a capela do Mártir, a capela de Nossa Senhora da Cabeça, a capela de Santa Eufémia, a ermida de Santo António, a capela de S. Sebastião, a capela de N. Sra. da Encarnação, a capela de N. Sra. da Conceição, a capela de S. José e a capela de N. Sra. da Piedade. Dentro da igreja matriz existiam as capelas de Santa Isabel e Santo Agostinho que tinham padroeiros particulares. É Terra ainda de Rebelos, Sás, Coutinhos e Lencastres que deixaram para os vindouros resquícios da sua remota existência.

Tinha em 1758 160 fogos repartidos pelas várias localidades que compunham a atual freguesia. Eram cem mil réis os impostos que aí se cobravam e que iam para os cofres da Igreja. A primitiva matriz tinha altares devotos ao Santíssimo, N. Senhora do Rosário, Santo António e Santa Bárbara. Tinha já em 1758 uma irmandade do Coração de Jesus. Foi terra farta em trigo, milho, centeio, vinho, linho, castanha e azeite.

Muito mais foi, é e será, esta terra. O quadro que aqui se gizou em pinceladas breves, foi construído apenas com os factos que mais imediatamente se estatelam no nosso fio ocular. O que dele faltou pincelar, convida a uma visita mais demorada e aturada *in loco*!

## Aldeia de Nacomba

Publicado no dia 16/11/2012

Aldeia de Nacomba é uma terra muito antiga que, pelos seus exíguos limiares, tem sido descurada pela historiografia. Sacudir o bolor do tempo e reatar o fio de Ariadne, interrompido aqui e acolá permitirá redescobrir o seu longo passado e fitá-la com um óculo que lhe dá forma de um reduto beirão de primo gosto.

Com seus ares de povoado altaneiro lobriga-se a paisagem serrana a mostrar uma aguilhada de sementeira por dez de fraguado e baldio. De situação geofísica aprazível, cimentada na meia encosta, permite ascender aos mirantes dos píncaros e descer pelos socalcos rumo às chãs do vale, filhadas pelos lameiros e variegadas culturas verdejantes.

Vive-se aqui, ainda hoje, uma quietude medieva, qual *habitat virginal* que matraqueia os ouvidos com ecos de notas joviais proferidas pelo arrulhar da fauna avícola, proveniente da coruta dos pinheiros e de outros espécimes florísticos que mais parecem fruteiras ajoujadas de pomos.

O casario, esse é já hoje o resultado do entrelaçar dos vários tempos, sendo o presente aquele que mais lhe achincalha o lustre. É possível, no entanto, encontrar ainda dessas velhas construções em barbaçada pedra, de cor já quebrada pelos nevoeiros espessos, pelo frio encastado e pelo sol bruto que lhe turra com mais força quando ataca pelas bandas do poente.

Os caminhos serpenteiam da povoação para o mato, ora franco, ora plaino, ora ainda de feições estreitas com esteios comprimidos pela fraga e barrocal. Calcorreá-los faz-se debaixo de um horizonte que se peneira em requebro ágil de voo, uma espécie de esflorar contínuo entre hortejos e pousios selváticos que se redouçam e refundem até se nos estatelarem na alma.

Como acontecera com tantas outras, esta terra, nunca tendo sido autónoma em termos político-administrativos, foi pertença de vários senhorios. Começou por estar filiada à honra de Caria desde os tempos de D. Afonso Henriques, para depois ir parar às mãos de uma Dona Comba, daí se originando o topónimo *Aldeia de Dona Comba* e, mais tarde, *Aldeia de Nacomba*.

Na *Tavoadá do Cadastro da População do Reino*, redigida em 1527, aparece designada de *Aldea de Dona Comba*, com 47 moradores. Em 1708, o padre Carvalho da Costa, na sua corografia, dava-lhe já o nome de *Nacomba*, paróquia com o orago de S. Pedro, pertencente ao concelho de Caria.

Em 1758, na memória paroquial que se encontra no Arquivo Nacional em Lisboa, o vigário José Natário, que exercia o seu ofício nesta aldeia, assevera que ela se situava num monteiro fundo de um cabeço muito alto; tinha 164 moradores; a igreja tinha três altares: um de S. Pedro, um de N. Sra. e outro do Santo Cristo; o vigário era provido pelo reitor de Caria e tinha de pensão anual cinquenta mil réis; tinha duas capelas: uma de Sta. Bárbara (antes dedicada a S. Jorge) e outra de N. Sra. do Rosário. Esta última era alvo de várias romagens de gente das freguesias vizinhas, principalmente na primeira oitava da Páscoa. As culturas predominantes eram o centeio, trigo, milho e a castanha. Criavam-se algumas lebres, coelhos e perdizes. A justiça era exercida pelo tribunal da Vila da Rua. Servia-se do correio de Moimenta da Beira.

Os monumentos descritos, bem como o troço de via designado *estrada do bispo Alves Martins*, presumivelmente vereda secundária pertencente à viação romana, que se alonga por cerca de 1 km em direção a Carapito, são uma das riquezas maiores desta terra que merece visita e contemplação.

## Alvite

Publicado no dia 07/10/2011

Ao subir a vereda que de Leomil conduz a Parada, continua-se a marcha e, *cimaite* (lá ao cima), num altiplano sobranceiro a outro chamado Nave, encontra-se Alvite, vila desde 1997. Dela falam apodícticos documentos, os quais a filiam como Granja a Castro Rei (actual Tarouca) no século XII, para mais tarde vir a integrar os concelhos de Mondim, Sever, Leomil e, a partir de 1855, Moimenta da Beira. Terra de costumes arreigados, terra de um tradicionalismo perene e constante, terra de labuta e de gente mourejadora, terra de um ar puríssimo e fresco, terra de duros granitos, terra de diásporas. O alvitano é, na sua essência, aquele que de seu tem os caminhos do mundo, contaminando com a sua cultura o cosmos e nunca se deixando contaminar pela cultura alheia. Habitat por excelência de uma fauna e de uma flora diversificada, pressentem-se aqui e acolá, ainda, vestígios imateriais dos vários povos ancestrais que fizeram dele a sua casa. Arrotearam a terra, regaram-na com o seu suor, colheram os seus mimos e legaram-na em pousio para milhares de anos depois a vigorosidade do beirão labutador, comerciante e mourejador, aqui se sedentarizar.

Carril, Lameira, Alto da Lameira, Trás do Monte Longo, Valtarejo, Veiga de Asna, Moiras, Lameirencha, Barrocos, Olho Marinho, Touças, Agueira, Porto do Carro, Pousadoiros, Carvalheira, Pontinha, Ponte, Penedo da Raposa, Coutada, Lameiro Redondo, Bouças, Pinhal do Sardão, Moinho Velho, Salgueiro, Corgo da Vila, Penedo do Mosteiro, Penedo das Galinhas, Eira da Laja, Eira da Marinheira, Cadavais, As de Sever, Sete Castelos, Braçal, Fontainhas, Portela, Urgueira e presa são alguns dos locais para os quais o íncola, desde tempos imemoriais, verteu suas forças. É um meio agreste, mas fértil. Tem uma geografia de píncaros, mas também de vales remançosos, e é local propício à captação de águas cristalinas que lhe advêm do ventre, para o que contribui a dureza dos tempos invernios.

*Branquilhosa* (neve), gelo, vento, pluviosidade jorram do alto como bênção de uma terra instalada nas cercanias do céu. As capuchas de burel, como antídoto, serpenteiam ainda hoje pelos horizontes desta terra multissecular que entremeia a rusticidade com o modernismo. Não distam muito os tempos, e deles há ainda hoje resquícios, de uma *fardilha* (roupa) composta por *pantalonas* (calças) de burel, *calcantes* (tamancos), capa, samarra do cabaneiro, saias grossas com saio de flanela, xailes de merino e socas.

Ali ainda rezam histórias antigas, anedotas características, contos e lendas arcaicos e um léxico invulgar que o comum dos mortais *num adica* (não percebe). Ainda reposita um saber e uma memória de ceifas e cegadas, de malhadas, desfolhadas e serões. Os terços e as romarias ainda pompeiam no intelecto. A lareira, o pote, a candeia, ainda aparecem nas habitações genuínas. As tabernas ainda lá estão na venda das *ventosas de piela* (garrafas de vinho), os fornos já não cozem em comunidade. Mas é terra de um *artife* (pão) e de *Zônas* (bôlas) de chorar por mais, o que se coaduna com ser o celeiro do concelho, de uma *grainha* (farinha) genuína. Acompanham-nas as *negrilhas* (azeitonas), as boas *sonelhas* (chouriças), o bom *picanço* (salpicão) e o *branquioso* (queijo) serrano.

Ecos assarapantados erguem-se dos montes e tresmalham pelas quebradas. No silêncio esfíngico dos penedos de milenar composição guardam-se verdades sobre estas paragens. Logo a ombrear estão monumentos megalíticos, que hoje *manegos e manegas* (rapazes e raparigas) fitam desconfiados. As ventanias que afrontam estas penedias monumentais parecem eclodir uma tremura imitante à que as badaladas a finados costumam deixar nos sinos, mas a paz do local continua apenas incomodada com os luaceiros que ali quotidianamente caem a luzintir e a *ânsia* (chuva) de agulhas ou de cântaros que transformam esta terra num eco-museu cultural e antropológico.



Entre as antiquilhas que é possível descortinar na profusão do tempo ancestral das terras moimentenses vamos encontrar Arcas como uma das ricas. A antiguidade da sua condição e situação, física, geográfica e histórica, contrasta com o desconhecimento geral dos ecos multiseculares de que se encontra plena. É, por isso, partícula que se presta à busca de reminiscências, à investigação de factos, à análise de pistas legadas que o tempo incessantemente encobre.

Colhendo do chão as palavras caídas, cotejando do ar as trovas cantadas em jeito bucólico, sentindo o deleite espiritual dos aromas transmitidos pelo passado, experimentando a ternura que mora na profusão da sua flora, provando a doçura que escorre pelas brisas que bafejam os musgos que toldam monumentos, escutando o estrepitar da fusão de sons faunísticos nas várias estações, vislumbrando a luz macia das cúpulas luarentas que iluminam os espaços há que séculos, a meiga rudeza das composições urbanísticas retalhadas de casario rústico e moderno, os agasalhos naturais de velhas árvores, a tristeza dos portentosos sinos quando cambaleiam, tudo se constituiu num viático que conduz à descoberta de um tempo que foi e não é jamais. E assim se tornará possível esta colheita tão leve e paciente como se fez o lançar da semente ao chão.

Tem-se colocado a origem do nome Arcas na encruzilhada de várias teorias. Por um lado a derivação de orcas, aludindo à antiguidade pré-histórica do povoamento da localidade como sendo lugar onde deveriam ter abundado vários monumentos megalíticos. Por outro lado, o vocábulo Arcas é dado como proveniente de amontoado visível de pedras em jeito de marco, especialmente usado no tempo dos romanos. Esse conjunto de pedras poderia ter feição próxima das orcas, antas e dólmens, porquanto se tratavam de pedras dispostas em quatro paredes como espécie de resguardo. Marcação territorial neolítica ou divisão administrativa romana, a dúvida persiste até à actualidade, havendo confusões semânticas em detrimento de teorias definitivas.

Mais consistente é o facto de em 711 os Muçulmanos terem iniciado a conquista da Península Ibérica e no seu seguimento terem deixado rasto em Arcas. Nos inícios do segundo milénio sobressaiu a figura de Hajib Almançor que entrou pelas terras da actual Beira, degolou todas as freiras do mosteiro de Arcas, já existente no século VI, e tomou Lamego, Trancoso e Viseu. Destruiu o castelo de *Alcaria* (Caria) e provavelmente o da vila *Leomiri* (Leomil) e *Lobozaim* (hoje Castelo Nagosa).

Desse monumento célebre da história de Arcas, o mosteiro, terá ficado como resquício, a capela de N. Sra. das Seixas construída a sudeste da localidade. Curiosamente Seixas virá do latim “saxa” que significa seixas, isto é, pedras. Serão estas pedras componentes das “Arcas”? Porém, “seixa” também poderá significar “pomba”, podendo isso querer memorializar o martírio da superior do cenóbio *archense*, Comba Osores, pelos mouros, já que Comba poderá ser derivação de *Columba*, isto é, pomba. Se esta capela tem a ver com o antigo mosteiro e com o facto assinalado, não se sabe exactamente, ainda seja possível presumi-lo. Acresce que uma epígrafe antigamente encontrada, a isso alude. Dizia a mesma, segundo Mário Jorge Barroca, o seguinte: *Em 1 de Abril de 588, ano 626 da Era de César, adormecia no Senhor a Virgem de Cristo, Santa Florência, monja do Mosteiro de Arcas, cuja festa litúrgica se celebrava anualmente em 1 de Abril.*

Arcas é uma terra ainda envolta em mistério que urge, porque é possível, desvendar.

Ariz, cimentada na margem direita do Alto Paiva, é terra que merece ser lorigada com afinco. Vamos encontrar aí um solo fértil para a agricultura e um subsolo rico em material lítico abundantemente explorado. Fita-se uma aguilhada de sementeira aqui, outra de fragedo ali, outra ainda de baldio acolá. Nas baixas rebrilham os mimos ternos dos granjeios. Nas cabeceiras das sortes, como nalgumas zonas da meia encosta, de que a *Janamoga* é exemplo, ponteia um ventinho levantisco que faz arrepiar o arvoredado, aglomerado ou solitário. Nos planaltos tesos e pétreos o mato rastiço tolda o chão e liberta aos ares serenos doces incensos que só se extinguem quando a invernia atira com eles para outras latitudes, obrigando o humano a embezerrar no calor da lareira. Por então, só o lume, esse avô dos patriarcas, amigo dos poetas, crisol dos sentimentos humanos, consegue fazer escapar as fracas carnes humanas ao temporal serrano.

Mais bonito do que o maninho picado das lantejoilas dos tojos e com as giestas sempre hirtes quando se não derretem em maias argêntas e amarelas, mostra-se a folha. Folha multicolor como o arco-íris que, ainda assim, predomina em verde esplêndido como o dos bosques e encarniçado como o do mato luxurioso.

A água, aqui, canta ou sussurra em ladainhas de brancura, soltando nos olhos e apossando nos ouvidos ilusões e sonhos que voejam como as espécies do ar. São estas as que melhor apreciam o espaço do memorável rectângulo de Ariz, fitando-o de cima para baixo em bandos que olhados da base para o topo parecem sementio de vírgulas numa lauda virgem.

Sentimo-nos rústicos, aqui. De uma rusticidade emocional, pelos sentimentos que só as belas colgaduras, socalcos e vales conseguem produzir. Não rústicos de qualquer barbárie desprezível. Paz de espírito é o que provoca um meio que, *mutatis mutandis* assola a alma com o tempo necessário para magicar na morte da bezerra. Não há criatura que por mais sossego que tenha não queira lograr de tal tempo introspectivo e de semblante a devaneios. Esta terra de tendões de granito, simultaneamente prosaica e idílica, tudo produz e tudo há-de comer. Mas enquanto o não faz, permite gorgolhar no moinho interior um ânimo espraiado por todos os poros da carne e por todas as veras da alma.

Foi Ariz a *villa Alarici* em tempos godos. Porém, foi habitada desde os tempos pré-históricos, como provam alguns dólmenes e outros vestígios neolíticos. Veio depois a ter uma muralha castreja ou *castelo*, como ainda hoje ali se diz. Na *Janamoga* foram encontradas pedras graníticas bem aparelhadas e de grande dimensão e cerâmica de construção. Uma estela funerária, presumivelmente romana, com inscrição latina, poderá ser admirada numa das ruas da localidade. Do período medieval podem ser contempladas hoje algumas belas sepulturas escavadas na rocha, designadamente uma na *Fonte dos Lobos* e três nos *Penedos*. Como paróquia começou por pertencer a Pêra e Peva. Com um clima mais temperado do que a sede do concelho, o abade residia aqui. A freguesia construiu a sua igreja e deu-lhe como patrono o Divino Espírito Santo. Ao longo do tempo o templo foi restaurado. Tinha em 1758 quatro altares: do Santíssimo Sacramento, do Santo Cristo, de N. Senhora e de Santa Quitéria. No mesmo período existia a irmandade das almas com a invocação de N. Senhora do Amparo.

Tem esta terra duas pequenas pontes dignas de nota, ali pela Ribeira dos Cubos, local ancestral onde elas dão acesso a campos polícromos arroteados pelos avoengos labutadores. Mais célebre do que estas é a ponte românica que arqueira sobre o rio.

Tinha 150 pessoas em 1758 e os frutos que mais abundavam da terra eram trigo, centeio, milho e castanha. Coelhos e perdizes eram a fauna que abundava na serra. No rio, trutas. Moinhos existiam também alguns. Assim reza o relato do padre coadjutor João Pires que nessa data redigiu a memória paroquial que enviou para a coroa.

## Baldos

Publicado no dia 30/11/2012

É com um húmido gosto de terra, cheiro de pedra emugrecida, sombra do flanco da serra... nua e fria, que se faz a entrada das nossas fronteiras regaladas em Baldos, quando os dias são luzidios, com manhãs de farfalha violeta e sol a levantar às mancheias nos picotos. Assim me recebeu esta povoação na última vez que, com passadas largas de anónimo, vulto pensativo como de humílimo eremita, a calcorreei.

Pelas cercanias topam-se pinheiros esguios que relembram murmúrios tristes e vagos como soluços suspensos de almas em pânico. Entre eles, ponteiavam fragedos acastelados pela evolução da natureza. No vale, apoucado pela montanha que o cavalga e lhe limita o horizonte sobressai um espaço esquartejado de vielas onde se ergueu o casario e, mais ao centro ainda, o templo católico devoto ao mártir S. Sebastião.

Passaritar nas veigas de meia altitude que se alongam para lá do burgo surripa caminho à contemplação de telas naturais. Fita-se o sol a estender o seu cendal de ouro esbugalhado ora pulsando ora amedrontando sombras esguias. Lobrigam-se, muitas léguas ao fundo, manchas ocres de cabeços adormecendo nos bosques. Enxergam-se penedias batidas pelos ventos ociosos e solos tanto amarujentos quanto propícios à manutenção.

Baldos será derivação de *Balths*, cuja significação alude a *importante*. Presume-se, ainda que não se extravase daí, que essa importância que o nome sugere tenha advindo da existência de duas cistas muito antigas, desmanteladas quando já ia bem avançado o século XX, onde terão sido sepultados os dois lendários reis mouros. É conjeturável também, porque pensar, mal nunca fez, que esses dois “*monumentum*” tenham originado o nome *Monumenta* e posteriormente *Moimenta*. Fornos não dista, dali, muito, o mesmo se podendo dizer da actual Moimenta. E, se assim for, Baldos possui uma carga densa de simbolismo místico, lendário e histórico, que remonta a eras ancestrais.

Pertenceu Baldos ao concelho de Caria, ao Couto de Leomil e, mais tarde, ao concelho de Moimenta. Em 1527, segundo o Cadastro da População, tinha 14 habitantes e já pertencia a Moimenta da Beira, juntamente com Cabaços e Paradinha. Em 1758 registava 33 moradores. O milho, o vinho, o azeite e a castanha eram, por então, as culturas mais abundantes. Os dízimos eram aí arrecadados pela Universidade de Coimbra e o curato era anual e da apresentação da reitoria de Moimenta. A igreja tinha três altares: do Santíssimo Sacramento, do Menino Jesus e de N. Senhora do Rosário. A capela do Senhor da Agonia é outra das marcas da religiosidade deste povo.

Terra pequena mas empreendedora, onde nasceram ilustres personalidades como o bispo D. Manuel de Jesus Pereira que participou no Concílio Vaticano II, mantém ainda hoje uma ligação umbilical ao passado, justificando que o mesmo seja esquadrihado com uma visita sinestésica e física ao local.

## Beira Valente

Publicado no dia 22/07/2011

O poviléu e redondezas sobre os quais incidem estas linhas são dignos do mais exigente conspecto antológico das aldeias portuguesas. De frente para a Serra de Leomil, Beira Valente pode ser mirada de vários eirados altaneiros que com ela ombreiam pela primazia da celsitude. Ladeado de serras e vales o íncola preferiu o oiteiro piramidal para montar o seu presépio. Bem lavado de ares o montículo permitia estratégia ocular de visão por largos horizontes. E dada a multiplicidade de eventos bélicos do passado, tola era a populaça que se ia amainar em chãos buracos.

Beira Valente está ligada a Leomil por uma estrada que em 1910 Julião Morais Sarmiento tentou que fosse prolongada até Castelo. A Câmara fez um projecto mas ficou-se por aí. Atravessada pela via, reclina-se suavemente pela encosta da Barra, entre casarios numa compilação urbanística ao jeito medieval. Em redor da povoação combinam arvoredos verdejantes e floridos com lameiras de pascigo, em doces emanações de frescura que lhe envia o ribeiro que desliza a seus pés, remançoso e cristalino, entre as leiras fecundas onde crescem mimos pujantes e hortas viçosas. É cenário idílico que suplanta em sumptuosidade tudo o que se possa imaginar de ourivesaria na célebre ponte do Arno e de velhos adereços processionais.

Bonita e exposta a assobios de brisas que em invernia toldam a pele de um encarnado seco e no Verão entram pelo espírito purificando-o, é uma aldeia de quietude patriarcal de viver provinciano. Galgando a estrada que em pronunciado declive atravessa o primitivo povoado, deparam-se-nos rústicas habitações. Assente no pico do monte, ergue-se altaneira e senhoril esta aldeia, olhando das alturas a líquida fita coleante que se alonga por entre alcantis agrestes e prados verdejantes. Ao cimo da empinada ladeira aparece-nos de frente a capela, uma das maiores relíquias de antanho de que esta povoação é depositária. A bordá-la encontra-se o magnífico adro suportado pela portentosa fonte.

Os recantos e ruelas de feição rural revelam a ancianidade da povoação e o seu carácter estético deve-se em parte ao seu isolamento que a via melhorada que a liga à vizinha povoação do Sarzedo, outrora pertencente ao concelho de Leomil, veio ajudar a combater. Para lá da Barra, até ao horizonte infindo, um panorama de visos maravilhosos, vastíssimos, cuja contemplação avassalada pela grandiosidade da paisagem deslumbra pelo encantamento que nos traz ao olhar. Colmas, cursos de água, matagais, pontes, estradas, casais, muros e valados, tudo parece impreciso e de ilimitada grandeza naquele marchetado tapete de variegado colorido e inconcebível variedade de desenhos.

Beira Valente ter-se-á chamado, em tempos remotos, Póvoa Velha. Isso parece indicar um documento de 1335 que diz *“da Poboia Velha per u chamam Beyra Varenta.”* O nome alude à antiguidade do povoamento deste local. Na verdade, próximo existe o Cargancho, já perto do parque industrial do concelho, onde foram encontrados vários vestígios arqueológicos, além de que no enfiamento da estrada larga que liga Beira Valente à via entre Castelo e Moimenta existe uma orca. No censo joanino de 1527 aparece já com o nome *“quymtam de Bravilamte.”* Em 1758 na Memória Paroquial de Leomil figura como metade pertencente ao concelho de Leomil e outra metade pertencente ao concelho de Castelo.

A sua capela teve uma célebre confraria devota ao Divino Espírito Santo mas que celebrava também a festividade de Santa Bárbara e S. Sebastião. Do património que possuía destacam-se imagens, ornamentos e móveis, um forno e rendimentos fundiários.

A visitar: capela do Divino Espírito Santo; fontanário contíguo ao Adro; um castanheiro centenário à entrada da aldeia; uma orca na estrada entre Beira Valente e Moimenta da Beira.

## Cabaços

Publicado no dia 09/12/2011

Num altiplano de onde se lobrigam encantos panoramas, está edificada a povoação de Cabaços. Deverá ter evoluído de *calabatia*, surgida no *Castro do Muro* da *Cabeça Gorda*. Entre cumes e pequenos vales, numa doce emanção de frescura florística e faunística, abundante, fitam-se belos quadros pincelados com as mais finas tintas de nitidez impressionista. Fonte Arcada, Moimenta da Beira, Leomil, Sarzedo e Arcozelo são das que logo saltam ao óculo mirante, o qual, sôfrego, na retrinca, descobre outras lá mais ao fundo que aparecem no horizonte infindo. A albufeira que dali também se vislumbra é um cenário inigualável.

É Cabaços pela sua situação geográfica uma terra onde bailam os ventos num lufa-lufa que brinda o ser humano com uma revivificação do espírito na época estiva e lhe tolhe as carnes nos meses mais gélidos. Com uma meteorologia que vagarosamente corrói o lajedo multissecular, apresenta uma potencialidade ancestral para o cultivo de cereais, vinho e castanha. Já se dizia em 1758 que este recanto beirão gozava de ares benignos que dele o faziam sadio e favorável à ocupação humana.

Erecta em situação piramidal, os píncaros permitem mirar as carrancas de maus prenúncios que nuvens carregadas de monocromia esboçam antes de abrir comportas. As bases são bordejadas, a meia légua de distância, pelo lendário Tedo, e a légua e meia pelo místico Távora. A *Cabeça Gorda*, as *Preiras*, ou o *Boucal*, são locais típicos. Por ali espalharam-se marcos. Um deles, imponente, é geodésico, os outros apresentam inscrições VDE que representam limites da Universidade de Coimbra. Adestrados, desde há muito, caminhos para andarilhos com ligações ao pascigo, torna-se possível calcorrear meia légua de serranias que desembocam em Nagosa para as bandas do poente. A norte fica Arcos, a nascente encontramos Sendim e a vertente sul deste compósito é ocupado por Cabaços.

O quadro humano esteve sempre em crescente. Os 92 fogos, correspondentes a 325 pessoas, descritos em 1758 pelo padre Sebastião Rodrigues de Lemos, não cessaram de evoluir com os tempos. O mesmo se diga da matriz social e religiosa. Múltipla, sobretudo. Alfobre de individualidades que foram protagonizando destaque em tempos ancestrais, foi também local de implantação judaica, conhecendo-se os ataques que aqui desferiu o Tribunal do Santo Ofício contra cristãos-novos.

É a *terra calabaciana* protegida por Santo Adrião, cuja imagem se venerava já com fervor em meados do século XVIII. Localizava-se na parte da epístola do altar maior do templo, onde dividia a primazia da representação com o Santíssimo Sacramento que se situava na parte do evangelho. Localizada no cerne do povoado a matriz tinha, e conservou, altares colaterais. Nos idos de setecentos, o sacerdote que aí laborava era apresentado na paróquia alternadamente entre os reitores de Sendim e Moimenta da Beira.

Outros edifícios religiosos possui esta localidade. A ermidas me refiro. Destas, a de S. Torcato, pela riqueza artística, é uma das mais importantes do actual concelho de Moimenta da Beira. É fácil aceder-lhe, hoje. Porém, só em 1912 se rasgou a actual estrada que a ela conduz. A devoção a este santo, Mártir de Acci, é tão remota e portentosa que esteve na base da criação de uma confraria sob o seu patrocínio e, pelos ecos que há, de um cenóbio muito antigo de cônegos regrantes de Santo Agostinho. As romagens que a ela acorrem juntam nas suas imediações um formigar de gente movida pelo fervor religioso e pelas propriedades milagristicas do chapéu de S. Torcato que, encastado na cabeça se diz curar múltiplas maleitas. Durante todo o ano tal acontecia, com clamores, com maior afluência no dia 1 de Maio. Ao mesmo tempo, e no mesmo espaço, decorre uma feira multissecular que principiou por ser franca.

Arquitectura civil poderá também ser apreciada por aqui, sobretudo o casario mais vetusto e de um granito robusto, cada vez mais escasso. A Rua da marquesa e o Largo do Paço sinalizam outras construções que por certo existiram. Nos meandros da arquitectura funcional as fontes são o maior atractivo.

A bordejar um dos limiães do actual concelho de Moimenta da Beira, Cabaços justifica que se percorram os seus vértices profusos de memórias e antiqualhas de rico significado.

## Carapito

Publicado no dia 25/11/2011

Se Peravelha, que evoluiu de Pêra significa povoado plantado em cume, Carapito, que sempre lhe pertenceu, é vocábulo em cuja base está também a altitude. Carapito, evolução de Carrapito, indica povoado erguido ao alto, bordejando a Serra. Desafogada em todos os quadrantes, que aqui zarpa um ar agreste que tolda de encarnado as faces, a povoação tem uma feição airosa e dos altos se fitam encantadores panoramas naturais.

A vida aqui era áspera, laboriosa, exigindo do homem esforço estrénuo e demorado. A alimentação filhava-se à caça, à pastorícia e à agricultura. Ao mato e à água colhia-se a nutrição essencial. São estes alguns dos mais importantes predicados que singularizam o beirão serrano.

Terra da pastorícia, a braços com o pasto farto dos píncaros aguçados da Serra, terra de charcos e lameiros que em tempos invernios exalam fumos brancos e cerrados; terra de um casario rústico e encavalitado entre si, espalmado em penedias e soerguido com o duro e abundante granito; terra de uma água cristalina que borbulha pelas entranhas da terra e dela brota em borrifo; terra de mato denso onde predomina a giesta, trauteado por javalis e lobos que o esfocinham; terra de várias teigas de um pão puro; terra de fragedos de porte variado, espalhados pelos altiplanos como lápides sepulcrais que testemunham uma memória, um tempo, uma origem remota.

Na encosta dos Cadavais depara-se um marco de granito que assinala ainda a posse antiga da Universidade de Coimbra, com marcas VDE, de pedra de cantaria lavrada ali colocado nos inícios da segunda metade do século XVIII. Por aqui rondam os limites da freguesia de Leomil, irmã nos horizontes, nos costumes, nas actividades económicas e nas tradições etno-culturais.

As terras de Carapito e Peravelha são a mãe do Rio Paiva. Nos Cachopos situa-se a sua nascente principal e, ao fundo, um pequeno pontigo servia desde tempos remotos como elo de ligação entre este povo e os vastos e férteis campos que se estendem até ao Toitainho. Pelos corgos de Regueixada e Cartaxo seguem as águas curso fora, passando por baixo da Ponte Pedrinha rumo a Segões e daí a Granja do Paiva onde ganha força o seu caudal e ganha força a sua marcha até às terras de Barrelas, e daí vai fenecer no Douro. Já dizia o cura Manuel Francisco de Almeida, em 23 de Maio de 1751, que o Rio Paiva tinha 12 léguas e nascia em Carapito, passando por Pêra, Barrelas, Fráguas, Castro Daire, Parada de Ester e Alvarega.

De Carapito sobreleva-se a concepção urbanística, ao jeito arcaico, que equivale a dizer, ao jeito dos tempos em que o íncola aqui, de seu, tinha apenas os caminhos. O progresso ainda não derrubou estas curiosidades que os nossos avoengos nos legaram e que muitos espíritos hodiernos apodam de velharias inúteis mas que são, na verdade, um dos já escassos repositórios que nos permitem compreender o passado.

Suturadas aqui e acolá, ou já em estado de decrepitude, as habitações mais antigas resistiram ao tempo, no granito imperecível das boas pedreiras beiroas, e com suas maciças paredes com espessura robusta e portais de alongada e talhada superfície. O travejamento interior, por ser de madeira, já abalroou. Com ele vieram abaixo as telhas de meia-cana, em vias de extinção. Porém, é ainda possível apreciar as vielas labirínticas e estreitas, bem como os típicos quinteiros cujo chão se fazia de um misto de palha, tojo, giestas e caruma.

É esta terra, por tudo isto, uma das que mais denota ter resistido ao ímpeto vertiginosamente modificador dos tempos e, por isso, poderá ser apreciada num estado quase virginal. De uma simplicidade e austeridade monacais, convida-nos a visitar os lustros cuja destruição um *cronos* benemérito tem adiado.

Saindo de Moimenta com determinação monacal, rumo às terras de Caria, volem-se cerca de quatro quilómetros até que se impõe retirar a tala asinina da destra para subir a rodovia que bordeja o espaço onde antigamente o íncola realizava a famosa feira da marrã em honra, ou honrada, pelo patrono do convento que tiros de calhandrina ajuízam de cercanejo: S. Francisco. Louçainho de ricos pormenores de antanho que o mugre fétido parasitamente procura elidir, possidente, o convento encontra-se, hoje, em sepultura de vala aberta. O esqueleto que dele resta está apossado da sôfrega natureza, robusto milhafre que o abocanha e suga. Sem suficiêcia, porém, para esconder ricos pormenores do passado que a incúria do tempo e dos homens não conseguiu letificamente fazer ruir.

Este cenóbio é um dos *ex-libris* das Terras do Demo, onde o autor do *Elucidário*, frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, montado no seu machinho, na companhia de frei José Natário, pousou no seu lufa-lufa diário de farejar antiqualhalhas que pendiam de avelhentados e já cariosos pergaminhos, qual canino a rasgar a terra em busca das carcaças de vertebrados. Foi esta obra inigualável do frade, o alicerce da riqueza linguística aquiliniana.

Continuando a marcha neste frondoso recanto beirão com laivos do Douro, seguindo a vereda sem desvio, segue um trilho que a fauna avícola, pondo termo à calma absorta, rasga em tons melódicos proceros de chamamento prestadio, parecendo entender o carácter prestameiro da cultura que ali o nosso espírito representa. De súbito, encontramos uma subida em pronunciadas curvas de vegetação variada. Arvoredos verdejantes e floridos com matagais, em doces emanações de fescura que as águas brotam e deslizam a seus pés, e leiras fecundas onde outrora cresciam mimos pujantes e hortas viçosas. Aqui, o sítio é de gosto vingando o *plenismo* de Leibniz porquanto o mini-universo de que aí somos testemunhas oculares está completamente ocupado pela matéria, não existindo vácuo. Estamos já, por conseguinte, nas antigas terras de Santa Maria de Caria, honra dos irmãos Mem Moniz e Egas Moniz, cabeça de um município medievo extenso e rico que na longínqua centúria de duzentos, se não antes, passou a partilhar com a Rua, o qual seria extinto apenas em 1855, sendo anexo a Sernancelhe e em 1896 a Moimenta da Beira.

Não adianta pugnar pela descoberta de qual das duas irmanadas terras comporta uma maior densidade secular. As origens de ambas remontam a tempos remotos perdidos nas brumas dos tempos que as provas mais concisas dos inúmeros vestígios arqueológicos que por aí foram sendo descobertos, autorizam a filiar, pelo menos, ao período clássico. Por aqui, e em redor, o olhar mais atento retém uma visão de uma aura de candura de onde se vislumbram jeitos de civilizações primitivas, em inúmeras *tegulae* e outros artefactos que brotaram das profundezas da terra.

Bonita e bem lavada de ares constantes, esta é uma terra de quietude patriarcal, de viver provinciano. Do alto, das cabeças graníticas, outrora alicerce de um robusto mas singelo castelo, fitam-se várias terras a fraldejar por entre espécies arbóreas, enchendo o panorama de deslumbrante infinito. Na prepotência da natureza ecoa uma miríade de miríades de ecos que nos conduzem a reminiscências que podemos reviver com um ambiente de regulada pressurização. Cada recanto de feição rural revela a ancianidade do local. Aí cresce vegetação com bravura sob guarda de muros por onde espreitam silvas, musgos e outros líquenes. Nós estamos ali “agora”. Eles estão ali desde “ontem”. Nós contemplamos o que vemos. Eles escondem silêncios remotos. Que se estatelam nos duros muros dos templos cristãos, nas portentosas sepulturas escavadas na rocha, na donairosa residência paroquial, no rústico casario, nos marcos da Universidade de Coimbra, nas fontes de belo ornato e até nos já frágeis fólhos de centenários documentos como o foral que em 1512, o *venturoso*, el rei D. Manuel, atribuiu ao concelho de Caria.

Merece visita, esta estância de incomparável formosura, semeada pelo Criador ao redor das sete partidas do mundo.

## Castelo

Publicado no dia 23/03/2012

Nas íngremes lombas de uma áspera serra cimentou-se Castelo, a leste de Moimenta da Beira. Lá do alto fita-se o florescer de múltiplas árvores, no anteparo do mistério fecundador. Que grandiosidade se enxerga desta varanda maravilhosa quando a exuberante Natureza acorda do letargo hibernal! A ciclópica cortina de serranias a esfumar-se no horizonte, o alteroso pano de fundo, pintalgado de miríades de flocos brancos, de novelos rosados. Juntam-se-lhe a fantasia alada da combinação de cores e de sons entre os fachos séptuplos do arco-íris e o chilreado e alacre canto das aves. Pela descida pontiaguda dos pinhais as ramas escurecem, as brisas buliçosas agitam ramais, as quelhas enlameiradas verdejam e luzem as pedras do ribeiro por onde ponteia a água.

A terra ao léu que bordeja o ribeiro que marcha rumo ao Douro, ostenta fervorosas ravinas e, ao cimo, o espaço de urbe. De postura cândida, no meio de um fervilhar estonteante do verde que a abraça, realçam-na pergaminhos onde a história reza velhas memórias de que é possível encontrar ecos no manancial artístico e monumental ainda existente.

São dois os cursos de água que fertilizam estas terras. A ribeira de Leomil, pela margem direita e a de Contim, pela esquerda. Já cruzadas formam o Rio Tedo. A origem do povoado, junto à falda do escarpado monte, perde-se na bruma dos tempos. Segundo reza a tradição, erguera-se aí uma fortificação castreja que terá estado na origem do nome. Frei Agostinho de Santa Maria, referindo-se ao santuário que aí se edificou mais tarde, apodou-o de “célebre Santuário de Nossa Senhora do Castelo ou a Senhora Prenhe, ou Prenhada” e asseverou que o nome adveio por aparecer num alto onde existia um castelo no tempo dos mouros de que ainda existiam vestígios. Nas ruínas do castelo terá aparecido uma imagem que terá motivado a construção de um templo que veio a ser a Matriz da vila. Crê-se que essa edificação em honra de N. Sra. da Conceição tenha ocorrido no tempo de D. Dinis. Viria a pertencer aos frades bernardos de Salzedas.

Com o avolumar dos tempos Castelo cresceu e converteu-se em concelho. Não se lhe conhece foral. Sendo o mosteiro de Salzedas que aí arrecadava os dízimos é possível que na localidade vigorasse a regra foraleira desse cenóbio. Sabendo-se também que os condes de Marialva apresentaram os párocos na abadia de Castelo durante longo período, pertencendo a localidade ao Couto de Leomil, é possível conjecturar que as disposições do foral leomilense aqui fossem aplicadas também.

Conhece-se-lhe o pelourinho, o qual terá sido erguido no século XVII, devido à data incisa que possui num dos blocos do remate, 1669. Porém, sabe-se que em 1527 já esta terra era sede de concelho que englobava, além da povoação sede, as quintas de “*Bravilamte*” e “*Comtym*”, num total de 62 moradores. Possuía casa de Câmara onde laborava um juiz ordinário. Tinha o concelho uma légua de cumprimento e outra de largo. Confrontava com os concelhos de Leomil, Nagosa, Longa, Granja do Tedo e S. Cosmado. Era uma célula municipal reduta. Em 1751 tinha 172 moradores e seis anos depois aparece referenciada com 120 fogos. Funcionou como administração autónoma e jurisdição própria até 1836.

A Matriz passou para outra igreja edificada já no período moderno. A capela dedicada à Virgem, sita no penhasco em cujo píncaro ermo se ergue, sobre a rocha abrupta, apresenta ainda hoje uma notabilidade artística condicente com as memórias antigas que encerra. Com um tecto de maceira de vários caixotões com rosetões nos pontos de intersecção, comporta notáveis pinturas em cada um dos 91 painéis. No exterior, sepulturas antropomórficas do período medieval atestam a antiguidade do templo e por certo do baluarte outrora erguido em duro granito.

No centro da povoação descobre-se um casario rústico de onde se destaca uma casa de robusta construção, cujas paredes de forte e enegrecida silharia de fiada denotam evidente antiguidade. A tradição oral manteve-se a chamar-lhe “Casa da Tulha”, portanto o local onde eram arrecadados os dízimos devidos ao senhor da terra. Teve essa construção uma pedra de armas que foi vendida nos anos 60 do século XX. Outras edificações atestam essa presença ancestral de famílias enobrecidas, nomeadamente um solar, ainda não desmantelado, que ostenta uma pedra de armas na frontaria que contém uma inscrição em espanhol.



Castelo, um retalho de Portugal, de plena beleza. Uma faixa da Beira Douro, rincão de contrastes, de relevos e de luz, coroada por serranias broncas e fragantes.

## Espinheiro

Publicado no dia 12/12/2012

É a várias centenas de metros de altitude que vamos encontrar a aldeia do Espinheiro. Linha de fronteira entre os concelhos de Moimenta da Beira e Tarouca foi alvo de um dissentimento não muito remoto entre estas duas unidades político-administrativas, ambas reivindicando a sua posse. Acabou esta partícula por integrar a freguesia de Alvite, ficando sob domínio do concelho moimentense.

Terra de contrastes geofísicos morfológicos e meteorológicos, esparramados no mais portentoso e robusto picoto da Serra de Leomil onde se estende um largo e fértil altiplano, a Nave, comunga de uma luz difusa, mate e lívida, carregada de encarnado no horizonte quando ao entardecer estes se cobrem de melancolia, nos tempos veraneios; e de fortes nevoeiros inverniais, que exalam da terra como fumos sulfúreos, espessos e cerrados que se entranham pelos poros, ofuscando do óculo o mais ávido reflector.

Terra de quietude patriarcal, de viver austero, provinciano, onde os acontecimentos são comezinhos. Rincão ainda de labutadores no revolver diário das parcelinhas de torrão, e na vigia árdua de rebanhos. Estância ecológica de hortinhas ancestrais muradas com pedra de granito disposta em oblíquo repartindo o espaço desde o vale até às penhas pedregosas.

Encontram-se amiúde rostos congestionados pelo esforço; quintalejos, prados de um verde de líquenes, lameiros encharcados, ervaçais selváticos que se multiplicam *per si*; barrocais; penedias de confusa bruteza e feição; pinheirais e uma outra vasta gama de espécimes florísticos tipicamente serranos. A avifauna que tem como último reduto o bosquedo é variada, encontrando neste habitat todas as condições para de estirão em estirão tasquinharem à boca farta.

O casario, pouco denso, encontra-se intermediado entre tempos arcaicos e progresso. É possível fitar nas antigas habitações, a maior parte das quais já derreadas, *umbrais da eternidade*, pedras aprimoradamente talhadas, de robusta concepção longitudinal, que ainda se encontram dispostas em situação de travejamento sobre as pilastras de igual material lítico. Telhas de meia cana toldam ainda alguns conjuntos arquitectónicos, enquanto lanchas de granito se encontram apostas nas arestas do telhado para revigorar e solidificar os edifícios. Pequenos janelos introduzem a luz no interior destas modestas habitações, rodeadas de quinteiros e de lameiros de pascigo.

Estradões recentes, integrados no parque eólico conduzem de forma mais vertical e cómoda aos sítios mais inóspitos do Espinheiro. Vestígios monumentais consagrados à vivência do religioso, como a capela; uma alminha integrada num cruzeiro granítico; o sítio das *Pousadas do Pedro*, o sítio dos *Penedos da Furna*; o sítio do *Nabo à Carreira*; o sítio *ao Madeiro*; *Chão Cimeiro*; devem ser tidos em conta numa visita a esta aldeia. Se há locais em que *hoje* ainda é *ontem*, Espinheiro é um deles.

## Fornos

Publicado no dia 05/07/2013

Na estrada que liga Moimenta a Paradinha encontramos o alto de Fornos, lugar explorado recentemente para construção habitacional, logo ao fundo da zona industrial concelhia. É aí que se encontra a estrada que conduz à remota povoação, nascida num bucólico lugar ao fundo de uma escarpada serra de terra saibrosa. A descida faz-se por uma estrada que serpenteia em curvas e contra-curvas, podendo-se lobrigar alguns casinhotos graníticos já sem cobertura e um matagal cerrado, com espécimes arbóreas pequenas, médias e de grande porte, de onde sobressaem os pinheiros como os mais abundantes. Além destes, toda uma série de espécimes selváticas típicas da região e alguns carvalhos.

Do outro lado da povoação, para as bandas do nascente descobre-se outro cerro clivoso e confragoso mas muito mais calvo. Entre os dois, um denso plano de cultivo que faz dela uma terra farta de coisas com que regalar a gula.

Pelo inestancável caudal do rio Cronos vamos encontrar neste recanto as raízes moimentenses. O vocábulo *Fornos* alude a um povoado antigo de culto cristão com raízes anteriores nos tempos dos Fenícios, a gente das forjas. É bem conhecida a hipótese dos romanos terem destruído as comunidades fenícias que aqui se encontravam e terem aproveitado as suas fundições para a cremação que entre eles era habitual. *Jan Caria* e *Moreiró* são topónimos ali vizinhos que adensam a suposição.

Desde as suas origens perdidas nas brumas de um passado mítico, com raízes nos longes imemoriais, até à actualidade, ficou a certeza de ser uma terra bafejada pela omnipresença do sagrado que se faz sentir no ar puro e nas suas múltiplas interpretações literais, alegóricas, morais e anagógicas. Crê-se mesmo que o culto de S. Pedro em Fornos é tão antigo como o da Senhora das Seixas em Arcas.

Trata-se de um povoado com património de um pendor histórico e naturológico, monumental, artístico, e de amplos recursos naturais e paisagísticos. Destaque para uma sepultura escavada na rocha, não antropomórfica e de configuração trapezoidal, sita na *Quinta de S. Pedro*. Destaque também para a capela de S. Pedro, de boas dimensões, caiada, com sineira a sobrepujar o portal principal que apresenta a característica incomum de se encontrar direccionado para o nascente. Em redor, um belo adro de cubos. O Nicho do Senhor Dos Milagres é também de realçar, guardado por quatro frades de pedra, iguais aos que rodeiam os pelourinhos, contíguo ao qual foi construído um espaço de lazer suportado por um muro onde se ostenta um marco da Universidade de Coimbra com letras VDE insculpidas.

No complexo habitacional sentem-se as características de lugarejo com laivos de uma quietude idêntica ao interior silente e solene dos templos. No casario rústico, perpassado de nesgas e taliscas, infiltram-se feixes de sol em filetes de ouro bulindo, alavando-se voláteis por toda a parte, deixando à vista desarmada pequenas partículas de poalha gravitando em passos morosos de astronauta. Que belos quadros estes de enxambramento, produzidos pelo lineamento solar e arquejados por avelhentadas pedras! Como que extenuados, ali podemos ficar, mirando ou alargando o óculo para outras belezas de uma paisagem fecunda.

Um recanto a não olvidar para quem lograr dar pascigo aos olhos. Tanto para os que já o visitaram como para aqueles que o façam pela primeira vez, embora estes, que se sentirão como insecto na sua primeira manhã, terão vantagem sobre os primeiros.

## Granja do Paiva

Publicado no dia 07/06/2013

Sobrancelira à estrada que liga Caria a Vila Nova de Paiva vamos encontrar Granja do Paiva. Abrigo da agitação frenética e dos formigueiros humanos que fervilham noutros centros, Granja do Paiva é uma agradável estância que oferece uma calma absorta e visos que se deparam com a amena frescura de um frondoso arvoredo, selvático ou de concepção humana; com a finura das águas, frigidíssimas no mais intenso calor do estio; com campos toldados de policromia, picotados pelas mãos calejadas dos íncolas e uma sorte de variegada de técnicas e instrumentos remotos; com serranias semeadas de penedos amontoados desordenadamente uns sobre os outros; com o despenho das veias, puras e cristalinas; e com muros, beirais e valados gizados ao remoto estilo de uma arte já em extinção. Não se estará a exagerar se se alvitrar que parece treslado das belezas do céu, este paraíso terrestre.

Granja do Paiva é nome que adveio da sua condição remota, isto é, de aí existir uma granja. As granjas eram instituições prediais agrárias cistercienses. O vocábulo *granjeio* provém daí. Apesar da posse destas parcelas agrícolas ter transitado de mãos ao longo do tempo, nunca se perdeu a tradição de se lhes chamar granjas, havendo hoje, no território nacional, várias terras com esse nome.

O Rio Paiva é a razão de ser desta *granja*, terra existente desde os tempos medievos. Espraiaando-se aí, sempre lhe fertilizou os campos, possibilitando a sedentarização das comunidades. Terras de pão que produziam copiosas searas, hortas, vinhas, pomares e vessadas beneficiaram desta condição. Atesta-o a carregada catadura que ainda hoje se mantém como o semblante mais frequente destas terras de Caria.

O povoado, de limiares exíguos, contava com apenas 13 moradores em 1527. Em 1758 tinha 20 casas e 63 habitantes. Aqui se venerou S. Barnabé desde tempos antigos. O património que se contempla nesta localidade, sem grandes delongas, é o forno comunitário, alminhas graníticas de belo ornato, fontes graciosas e a capela. Esta última, ajoujadinha a um adro de vetusto aspecto constituiu uma espécie de sala de visitas, pois é o primeiro conjunto arquitectónico que se depara a quem esta aldeia visita. Acrescem-lhe as necrópoles na *Laja Velha* e *Abregueira*, compostas por dois túmulos cada, escavados na rocha, e alguns espécimes patrimoniais móveis de posse privada, nomeadamente dois pesos de lagar.

Ainda não houve profanação da arquitectura rural, designadamente nos muros de feição ancestral e nalguns casinhotos e palhais que é possível encontrar pelas vielas estreitas mais características do lugar, a Rua do Outeiro, a Rua da Eira, o Beco do Saco e outras.

Razões de sobra, todas elas, para estimular tanto os naturais do concelho quanto os indivíduos natos noutras latitudes para o inefável gozo que proporciona uma passagem por esta terra.

## Granja dos Oleiros

Publicado no dia 05/04/2013

Granja dos Oleiros, pertencente à freguesia da Rua, é derivação de *Granja dos Leiros*, topónimo que aparece mencionado em vários documentos, designadamente na Memória Paroquial de 1758 redigida pelo pároco Manuel de Almeida Correia.

Pelos seus quatro vértices se espelham os atributos de uma *madona cortesã*: formosura singular e independente, pertencendo-lhe tudo quanto em seu corpo se revela. Faunística e floristicamente é terra de propriedades raras ao que lhe acresce uma aprazível situação geofísica. Cumes e vales ricamente ornados de vegetação arbustiva, altiplanos de histórica fertilidade, cursos de água cristalina a montante e promontórios de visos extasiantes cunham-lhe os predicados que atraíram romanos e povoadores de outras latitudes à fixação nestas paragens.

No alto do vale o silêncio é mais solene, os astros brilham com mais claridade, a tempestade ruge com mais fragor, os crepúsculos são mais belos e o homem tem mais extensa visão da Terra. As leves brisas emitem vozes doces de se agarrar aos ouvidos que nem favo aos beiços. O micro-clima é mais suave do que na maior parte das povoações do concelho não obstante ser altaneiro o seu solo e conter espaços de penhascos robustos e serrania com manchas esverdeadas de urze, giesta e carqueja, de onde se lobrigam extensos e vagos horizontes. Essa fertilidade era apreciada pelas sociedades do passado, designadamente as romanas, porquanto era propícia à germinação de culturas tão importantes como a da azeitona e do vinho que aqui tiveram larga expressão e chegaram até aos tempos hodiernos.

Parte da *Granja dos Leiros*, como era designada esta povoação, foi cidadela romana, denominada de Arrochela ou Rochela, segundo a tradição oral. Estendia-se, a mesma, por um vale que entrava afincadamente nos limites de Vide, num horizonte infindo e com um vale acentuado em depressão de anfiteatro, guardado lá no alto pelas serranias que, transpostas, levavam o olhar até ao Távora, o rio que toldava de possível e aprazível a vida sedentária e produtiva nas suas margens.

A romanização, indiscutível nesta localidade, é atestada pelos inúmeros artefactos que brotam do seu solo como o Távora gorgoleja trutas. Contam-se fragmentos de *tegulae*, tijolos de grossura ancestral, vasos, pesos, um manancial de moedas em vários tipos de metal, entre outros monólitos que denunciam a existência de uma ocupação primitiva remota do local. Alguns deles existem ainda na posse particular onde se espera que sejam guardados e preservados, pois são eles a prova cabal da grandeza cronológica da história desta terra.

Mais. Há fortes razões para crer que entre a Granja dos Oleiros e Vide, já depois da implantação do cristianismo na Lusitânia, ter-se-á instalado a primeira comunidade devota a S. João, no quadro religioso concelhio, conjectura derivada do facto de aí se ter construído um templo ancestral para o culto do aludido santo. Esse templo chegou aos dias de hoje, embora não na sua forma original, até porque se sabe que foi mudado de local e profundamente alterado. Dele é presumível que irradiasse o culto para paróquias criadas posteriormente, nomeadamente a de S. João Baptista de Moimenta da Beira. Além desta capela, que hoje não se encontra dentro dos seus limiares, tem capela dedicada ao culto à Santíssima Trindade que antigamente recebia procissões de clamores.

## Leomil

Publicado no dia 23/09/2011

Leomil ressuma as idades da Terra e os jeitos de civilizações primitivas e clássicas, visíveis nos dólmens, restos de estradas romanas, cruzes, alminhas, fundações de castros e de mourarias, pedras de cunhais, eirados, portais, cornijas de antigas casas e capelas, palavras e nomes celtas, romanos, godos, árabes, judeus recordações do oriente, do levante, da Europa Central, do Norte de África. Tudo se recova e rescende nas chãs e lombas de Leomil, desde os ritos duídicos às eras da Cristandade, evocando panteísmos e mitologias, gestos bizantinos, românicos, góticos, renascentistas e barrocos, fundidos no ar, no silêncio das cumeadas e no espraído colorido das veigas em que corriscam como estrelas as águas do regadio.

Na meditação dos tesos, no vulto dos penedos, na policromia das várzeas em contrastes de suavidade e aspereza que se juntam na expressão única de uma paisagem sem par, sente-se por toda a parte a Humanidade de passadas gerações. Com os seus ares de altitude puríssimos, as suas águas cristalinas, os mimos dos seus abundantes granjeios, relíquias históricas, a vila de Leomil é estância incomparável para quantos, cansados das cidades, precisam de se esquecer para melhor se encontrarem.

Mergulhando na bruma dos séculos o que encontramos é uma história de excelência, galgada com um aprumo de honra e fidalguia. Da antiguidade desta Terra, de pitoresca e aprazível situação entre o sopé da Serra de Leomil que a torna saudável e os ribeiros nos cumes nascidos que lhe fertilizam os campos, falam-nos apodícticos documentos. Foi sede de um concelho frondoso, extinto em 1855. Desde os começos da monarquia portuguesa que Leomil se divisou a Terra de relevo entre os povos que compunham o bispado de Lamego. Foi num abrir e fechar de olhos que a Vila *Leodemiri* já depois de arrasada pelos mouros em 982 e a eles filhada pelos cristãos se transformou no maior couto nacional com 276 km<sup>2</sup> e uma população de 6060 habitantes no tempo de Vasco Fernandes Coutinho.

Além dos Coutinhos várias foram outras as famílias de relevo que em Leomil espalharam as suas vergõntes. Delas ficou o registo da memória e bem assim alguns monumentos que ainda hoje podemos admirar. Do antigo castelo, do remoto hospital, dos primitivos povoados cinturados restam apenas algumas reminiscências e conjecturas. No período moderno os vestígios são monumentais: a igreja devota a S. Tiago, um punhado de capelas em uso ou já desmanteladas, quatro solares – dois deles armoriados - e outros edifícios de belo ornato de que é exemplo a casa da Câmara, o pelourinho, os cruzeiros, os portais, os moinhos, as inscrições, são apenas alguns dos que reclamam uma justa contemplação.

Persegui os seus encantos, sondei o mistério das suas noites sem lua, numa iminência deime a meditar na altivez dos seus cumes agrestes, entreguei-me à beleza dos seus horizontes, perscrutei nos seus tempos idos, segui os seus folguedos e canseiras, beije a frescura dos seus regatos, saboreei os frutos do seu cerne, escutei a sua voz ao sol, ao vento, à chuva, ao luar. Encontrei-a sempre afável, menineira e pacata. Sentia-a no palpitar do vento e na doçura da matina primaveril. Concluí que Leomil é isto e muito mais. E, na sinceridade destas escassas letras, ficam apenas fitos, retractos, esboços interiores que para serem completados necessitam de uma passagem in loco. Já dizia Miguel Torga: “embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá reinos maravilhosos. O que é preciso, para os ver, é que os olhos não percam a sua virgindade original diante da realidade, e o coração, depois, não hesite”.

## Mileu

Entre a actual estrada que liga Prados a Caria encontramos Mileu. Está cimentada no vale, ao fundo de um enorme montículo de serra. Épica galeria esta, que se nos depara, numa breve visita. Irrevogável cenário em que se desnuda uma terra bucólica. Palco dramaturgico onde pululam lastros culturais de uma memória perene. Repositório de reminiscências em orquestral sintonia com a amplidão ascética dos seus horizontes montesinhos infindos.

A especificidade ôntica da paisagem ressalta em cada recanto. A descarnada aridez granítica do fraguado, a fecundante irrigação da ribeira, deslizando translucidamente encostas abaixo, o matizado cromatismo do rosmaninho, urze, queiró, sargaço, tojo, carqueja, mimosa, giesteira e outros espécimes vegetais que abundam nas veredas dos matagais, toldam a paisagem de um semblante polícromo.

São frondosos os pinhais e espessas as árvores do bosque. Tem dilatadas léguas de campo. O subsolo é rico em material lítico, existindo uma pedreira de onde ele se extraí para comercialização. Trata-se de uma terra acoçada por uma quietude angelical apenas amolada pelo serenante rumor da magnanimidade cambaleante de pinheirais, pomares, olivais. Acrescem-lhe os arrepios das searas e da folhagem dos vinhedos que ecoam nos ares arrostando com os silentes horizontes.

*Mileu* é nome pré-nacional que, segundo Pinho Leal, significa *francês* ou *coisa estrangeira*, estando ligado ainda à ideia de hospital ou albergaria. De facto, aqui, tal como em Vila Cova e Caria existia uma albergaria para pobres viandantes que nela encontravam cama, vinho e um cântaro de água. Que é terra antiga, de ocupação remota, percebe-se no aparecimento correntio de *tegulae* junto de terrenos agricultados na designada *Ribeira do Mileu*.

Pertenceu ao extinto concelho de Caria e hoje é parte integrante da sua freguesia. Mantém os traços de povoado pequeno mas com visos longínquos. Em 1527 tinha 37 moradores. Em 1758 tinha 52 fogos e 138 habitantes. Por entre as ruas como a do *Soutinho*, por entre os prados de cultivo e cabeços rapados vislumbram-se traços de rusticidade beiroa. Possui ainda belos muros graníticos concebidos ao jeito antigo e um fontanário público, antigamente movimentado pelas lavadeiras. A Escola Primária está inactiva. Teve em tempos um lagar de produção de azeite, único em toda a freguesia de Caria.

Do património que possui destaca-se a capela de N. Sra. das Angústias, de posse particular que tinha muitos bens vinculados e cuja administração andava em litígio em 1758 segundo a Memória Paroquial nesse ano redigida pelo reitor de Caria Manuel dos Santos Veloso.

Em síntese, terra de um dilatado repasto cultural capaz de satisfazer o mais faminto aprendiz viageiro.

## Moimenta da Beira

Publicado no dia 11/11/2011

Sobranceiro à Serra de Leomil que dali dista poucos tiros de perdiz, ergue-se este povoado a uma cota assinalável de altitude, retalhado de vielas e avenidas recentes e onde grassa por todas as juntas um vento puro que no Verão reifica a alma e em tempos de maior invernia corta o coiro e faz apeteecer os cueirinhos junto de tições. Às rabanadas de vento no pino do Inverno crescem as fagulhas de água e cerrados nevoeiros pachorrentos e fuligentes com a repousada segurança de um lago, os quais humidificam os solos e guarnecem as redes vasculares de água viva do subsolo que chocalha aqui, poreja acolá, favorecendo alagoeiros.

Trata-se de um povoado muito antigo e Bento da Guia, um tanto à disposição de lançar de pistas, filiou-o a uma cidade-estado da Lusitânia. Moimenta, tão só Moimenta. Apenas assim se chamava, passando a ser “da Beira” por comodidade de distinção para com Moimenta do Douro e Moimenta da Serra. A nossa Moimenta bem podia ser tudo isso, da Beira, do Douro e da Serra. É de todas a mais rica por se encontrar numa zona de transição. Etimologicamente dizem-nos velhos incunábulo que deriva de *Monumenta*, vocábulo com significação díspar que necessita de ser eximamente estudado. A tradição oral aponta para a morte no local de um rei mouro que com seus vassallos aí ficou sepultado, dando origem ao topónimo, mas tal carece de científica validação. *Ónia*, *Corujeira*, *Portelinha* e outros lugares são o testemunho fiel da antiguidade do lugar.

O foral atribuído por Paio Vilar em Janeiro de 1189 a uma Moimenta crê-se ter tido como destinatária a actual Moimenta da Beira. Este aforamento particular e não régio indica uma pretensão muito antiga de concessão de privilégios com o objectivo de atrair o povoamento, o que foi paulatinamente acontecendo. A sua vinculação ao couto de Leomil como “freguesia” é ancestral e apenas desapareceu com a extinção deste no século XVI. Talvez por intermédio dessa filiação figura no Cadastro da Beira de 1527. Até aqui pertencente a Leomil, a freguesia de S. João Baptista adquiriu no século XVI um estatuto de autonomia e logo a seguir guindou-se a concelho. Entremeado com o betão do progresso ainda se nos vai deparando de frente o duro granito beirão, descobrindo-se a possibilidade de ao jeito de lugarejo rústico calcorrear atalhos e pinchar de calhau em calhau, ora às canchas, ora nos bicos dos pés. Há também ainda carreiros de saibro com poças atoladiças por onde tremeluzem os cachos de luz que do firmamento reflectem, e planícies de granjeio, ervaçais balofos e silvados enriquecidos.

Moimenta da Beira oferece-nos hoje à retina bons visos de um rico património. Sabe-se aqui ter existido, em tempos, um Hospício de franciscanos italianos a quem a coroa de tal forma dificultou a estadia que tiveram de rumar a outras paragens. Dele não ficou nenhum vestígio físico. Muito menos ficou, ou apenas se desconhece, a morada da antiga casa da roda que recolheu tantas centenas de bebés da região abandonados. Fora estes, quase todos os outros imóveis de notável valor arquitectónico que se sabe terem existido aqui, chegaram ao presente. É o caso do mosteiro de monjas beneditinas de N. Senhora da Purificação, fundado pelo Dr. Fernando Mergulhão depois de ter obtido do Sumo Pontífice uma bula em 1594. Teria este cenóbio, em 1650, três lanços de dormitório com quarenta celas todas ocupadas.

É o caso de tantos outros imóveis. Mas não só. Terra de barões e viscondes, das famílias Sarmento, Vasconcelos e Castro; terra de robustos solares com o reino do barroco e do rococó a ressoarem no lustro de pormenores dignos de reparo; terra de religiosos costumes, ecoando no presente os clamores nos idos de seiscentos rumo à Ponte do Abade, a S. Pedro de Fornos, a N. Sra. da Igreja em Paradinha, a S. Miguel de Peravelha e a S. Pedro das Águias; terra de antiquíssimas irmandades como a do Santíssimo Sacramento que remonta pelo menos à centúria de quinhentos; terra de vetustas capelas ainda hoje erectas e outras já abalroadas como a de S. Plácido e da que terá existido ou no solar dos Sarmentos ou no das Guedes; terra de esbeltas fontes, umas mais arcaicas outras mais modernas, com destaque para o regato místico da Fonte da Pipa de que se cantam profecias afixando-se que todo o que dela beber “cá fica”; terra de casas ornadas a toque de misticismo que se presume judaico, como é o caso da *Casa da Moimenta*; terra de prosas e poesias e sobretudo terra de um ar diáfano e de uma paisagem bucólica entalhada nos cotovelos de outras que lhe ficam à ilharga como Leomil, Castelo, Paradinha, Arcozelos e Toitão.

## Nagosa

Publicado no dia 02/03/2012

Nagosa, no extremo norte do nosso concelho, é terra ribeirinha do Tedo, de lendas místicas dos tempos mouros, de vegetação rasteira e humilde, de penedias com ar de assombro, de penhas escarpadas em promontório, de ermos com ar de tabernáculo, de horizontes que faíscam como metais ao sol, de veias que derramam miríades de metros cúbicos de água ao Douro, de oxigénios puros, de muros negros por onde o musgo pasta os seus herpes lucilantes, de boas sombras e paisagens ainda melhores.

O íncola, aqui, tanto se comprazeu no ermo como no pequeno colmeal, por vezes zumbente, da aldeia. Há vestígios remotos de povoamento tanto numas, como noutras partículas de um espaço verde, fértil e bafejado por ares de todas as latitudes. Debaixo da brasa do sol, da cobertura luminescente das estrelas, do bufo do suão e da rajada oblíqua dos cântaros dos céus, esta terra fita-se erguida em montículo.

As serranias foram em tempos o subsolo aurífero destas terras bravias encastoadas no coração da Beira. Não representavam apenas obter o estrume que lá se cortava na roda do ano e o espaço que calcavam de manhã à noite os gados do pastoreio. Para os pobres, que os havia em formigueiro, as serranias de oiteiros de fetos e de penedais arbustivos, significavam a possibilidade de fazer o molho, encher o carrilho e, acima de tudo, a liberdade. Eram a extensão das aldeias rupestres e desabridas. Delas forjava-se a chamiça para o aquecimento, lenha para a invernia, mato de múltiplas essências vegetais como a caruma, os feitos e os tojos, para lastrar os estábulos.

Foi assim num lugar fértil, onde cresciam muitas nogueiras, que se concentraram as criaturas que haveriam de criar a *Nucosa* (porque em Latim noz diz-se *nux*), mais tarde Nagosa. Explorou-se sobretudo o vinho, a noz e o azeite. No período moderno a localidade adquiriu um protagonismo até então inexperimentado. Aí se fixaram ramos da família Mergulhão e Cabral, que aí erigiram solar, assim como muitos outros indivíduos em busca das famosas propriedades das águas termais existentes na povoação, das quais se dizia serem as melhores do Reino. Em 1758 eram duas as fontes por onde brotavam águas dessa natureza. A Fonte das Virtudes e os Banhos. Esta última era muito frequentada nas vésperas do dia dos Apóstolos S. João e S. Pedro, por todos aqueles que se queriam curar de maleitas de reumatismo e moléstias cutâneas.

O documento conhecido mais antigo sobre Nagosa remonta a 1291, tratando-se de uma carta através da qual o Deão da Sé de Lamego atribuía o rendimento das vinhas que tinha nessa terra para custear uma lâmpada que deveria estar perpetuamente acesa no altar de Santa Maria da mesma catedral. Já antes deste tempo, Nagosa era parte integrante de Santa Maria de Lobozaím, integrando terras de Contim e Cabaços. Por esse motivo, o cura de Nagosa era apresentado pelo vigário de Castelo com um rendimento anual de 50 mil réis. Com o passar do tempo desenvolveu-se e veio a ser concelho independente. Já o era em 1527. Tinha uma extensão de meia légua de largo e outra de longo, onde habitavam 34 pessoas. Era o concelho pertença do couto de Leomil mas em 1758 já tinha deixado de estar adstrito às justiças dos Coutinhos, senhores de Marialva, para passar à jurisdição do rei.

O Estado suprimiu este concelho em 1834, integrando-o em Moimenta. Esta última autarquia tratou logo de vender a casa da Câmara e respectivo pelourinho, depois de desmantelado, não se sabendo hoje do seu paradeiro. Tinha limites bem definidos e eco disso a Memória Paroquial de 1758 descreve um monte que partia com as Vergadas, com a devesa da vila de Arcos e com a Cabeça Gorda onde se achavam cadeiras de pedra onde se sentavam os juízes ordinários de Moimenta da Beira, Nagosa, Sendim e Arcos.

Tem um templo de arquitectura interessante, assente em vigorosos pilares, vislumbrando-se no interior um altar-mor em talha dourada, um tecto magistral com caixotões eximamente pintados com desenhos geométricos na capela-mor e figuras de santos na nave e ainda umas escadas com a data de 1696, presumivelmente de uma reconstrução. Outras composições arquitectónicas são de relevar, nomeadamente duas casas fidalgas, numa das quais é possível contemplar um brasão dos Cabrais que alude à primitiva família proprietária, do mesmo apelido, que se juntou a outros, como o dos Mergulhões, Coutinhos, Pintos, Bandeiras, entre outros.

Que mais dizer desta terra, a não ser que justifica que se visite?



## Paçô

Publicado no dia 29/06/2012

Bosquedos, prados, eirados, ventos brandos e estrépitos como que soltando blasfémias ou inauditos clamores, cristas e vales, pedregulhos desnudos ou esverdeados de líquenes, templos graníticos, casario centenário... tudo os nossos olhos filham ao horizonte a 13 km para as bandas do noroeste da sede do concelho de Moimenta da Beira. Paçô se chama esta terra.

A sua origem situa-se nas profunduras da pré-história, nos tempos da pedra polida do Neolítico. Permaneceu como aglomerado durante o período da proto-história e seguiu nos tempos romanos... que aí deixaram moedas. Tinha relações de proximidade com os aglomerados cercanejos. Sanfins, Mondim e Sever.

Viria a ser Couto afonsino, portanto coutado pelo primeiro rei aos irmãos Egas e Mem Moniz e, depois de senhoreado por várias mãos, viria a ser deixado à abadia dos cónegos regulares de Vila Boa do Bispo em Marco de Canavezes. É um lugar remoto, foi terra de relevo no contexto regional porquanto morada de senhores que aí tinham o seu *pallatiollo*, ou palacete.

Dos irmãos Moniz deve o couto ter passado para as mãos das respectivas filhas, e destas para os seus sucessores, de tal maneira que em 1247 a bisneta de Egas Moniz doava ao abade de Salzedas, D. Guilherme, os bens e jurisdições que tinha em Paçô e Sanfins. Sobre a data de criação do *couto pallatiollo* há algumas pistas. Remonta, pelo menos, a 1152, aí exercendo jurisdição o bispo de Lamego. A ligação aos antístites lamecenses perdurou no tempo. Note-se em abono deste facto que, em 1227, D. Froilla Ermiges, já senhora do couto, concedeu ao bispo de Lamego o direito de pousada no *Pallatiollo*, caso ela estivesse ausente “*episcopus lamecensis pauset in eo, so voluerit, quando ego in ipsa terra non fuero*”. Daí a lenda para a origem do nome: *Passou aqui o bispo? Passou, passô*.

Não se sabe ao certo quando foi erecto em concelho. Sabe-se que no século XVI já existia com uma légua de cumprido e outra de largo. Há fortes razões para crer que o pelourinho seja inclusive do século anterior. Em 1527 o Cadastro da População do Reino confirmava este concelho mas dava Sanfins, Granjinha, Sever, Arcas e Alvite, como pertencentes ao concelho de Leomil. Era Paçô, portanto, um pequeníssimo município com trinta moradores. Foi extinto, como tantos outros semelhantes, em 1834.

Tem uma Igreja do século XVII que incorpora no arco da capela lateral uma pedra brasonada bastante imperfeita, com armas que Monsenhor Bento da Guia conjecturou pertencerem à família Pinheiro de Aragão, de Lamego, criatura que senhoreou esta terra. De facto, os Pinheiro de Aragão arrecadavam em 1758 um quarto de todos os rendimentos da paróquia. A inscrição já delida, que existe no mesmo espaço, com uma data que Mário Guedes Real afiançou tratar-se de 1580, dizendo que aí se sepultara o cavaleiro da Ordem de Cristo Diogo de Azevedo, faz crer que a Igreja remonta pelo menos a essa época, apenas tendo sido restaurada no século XVII como a maioria dos templos da região. Mas outros templos católicos aqui existem, nomeadamente capelas de nota artística.

Digno de menção é ainda o Pelourinho de extravagante postura, tosco aspecto, proporções modestas e construção artística singela. Assenta numa fraga e situa-se num pequeno largo bordejado de casario rústico, também granítico.

Os elementos referidos são uma enorme valia para esta terra. Vejo a cultura perene destas pátrias-mátrias como açucenas sem mácula. Necessitamos tanto dela como o cego de bordão!

## Paradinha

Publicado no dia 23/12/2011

Trilhando Fornos no sentido de Nagosa depara-se-nos, pouco depois, Paradinha. Cimentada na meia encosta na ilharga chã de uma frondosa serra, esta é uma povoação de calma absorta que parece perene. Ali se instalou o íncola sabe-se lá há quantas miríades de anos e ali cimentou uma pequena urbe assente em vigorosos lajedos. Encontrou neste solo repositório de condimentos para a manutenção da sua casa. Se não era, passou a ser extensa, aqui, a lavoura. Alforjes aviados de sementes de horta foram esparramados no solo e os risos de sol e os choros dos dias e das noites fizeram-lhe medrar os mimos permitindo a sobrevivência aqui. Com afinco e freima os povoadores de Paradinha baldearam este habitat em três credos e sedentarizaram-se.

O vocábulo que a designa é possível que advenha de uma, ou das duas raízes que a seguir se expõem. Paradinha poderá ter evoluído de parada, isto é, do latim parata “preparada, arranjada”, aludindo ao antigo tributo de jantar (episcopal e senhorial). Em diminutivo, Paradinha, Paradela ou Paraduça, poderão advir do custo e esforço da subida íngreme ou à extensão, neste caso, reduzida.

É aldeia de humilde condição, pitoresca e de aprazível situação geográfica, com uma composição modesta e eremítica. A vida aqui, geração após geração, foi levada em jeito de monasticidade. Pela posição de meio caminho em que se situa entre o cume e os côncavos do vale, permite uma contemplação que fita para o alto e para o baixo. Nas cimalthas dos píncaros pinheirais vislumbram-se giestas negrais e todo um farto arvoredado de pequeno e médio porte cuja verticalidade não ofusca na noite a miragem de lívres difusos das estrelas. Fetos e tojos vingam fartos não havendo desbravado. Nas chãs mais pronunciadas das escarpas sente-se o borbulhar e gorgolejo da água como soluços e risinhos de criança a que se juntam em eco as colcheias atiradas ao ar pela passarada e ralos, sapos ou abelhões noctívagos que iniciam o arraial com a tardinha.

Em 1758 o padre Luís Rodrigues Branco asseverava aqui ser terra de centeio, trigo, milho grande e miúdo, feijão, azeite, castanha e vinho. Possui templo da invocação de N. Senhora da Assunção encastado no meio da povoação, o qual tem altares de N. Senhora do Rosário, S. Sebastião e das Almas. O pároco era em tempos remotos apresentado anualmente pelo reitor de Moimenta da Beira, não fosse esta localidade uma das suas anexas. Por ter sido esta terra senhorio da Universidade de Coimbra existem vários marcos com siglas VDE que assinalam essa posse ancestral, confirmada na obrigação interposta a essa instituição de ensinar economicamente o cura da paróquia em noventa alqueires de centeio, vinte e cinco alqueires de trigo, cinquenta e dois almudes de vinho, cinquenta e dois alqueires de castanha, treze arráteis de cera branca, dois arráteis de sabão e dois arráteis de incenso.

Lobrigam-se ainda nesta aldeia outros monumentos. As capelas de S. Miguel, N. Senhora de Oliveira e S. Sebastião, desde logo. Algumas delas recebiam romagens com cruces de povoações vizinhas. Outra das pedras preciosas aqui passível de contemplação é o vistoso cruzeiro com inscrição latina que encerra ainda alguns silêncios que urge desvendar. Finalmente, o casario com ornatos merecedores de apurado estudo, nomeadamente a propalada Casa de Paradinha, propriedade que foi de José António Sarmiento de Vasconcelos e Castro. Além desta, outras habitações dessa família merecem contemplação, nomeadamente, de uma delas, o aprazível jardim com colunas e esculturas de belo feitio que a estrada rasgou a meio. A família Mergulhão por aqui se implantou também deixando para a posteridade construções de interesse histórico.

É terra de personagens que ficaram célebres como o primeiro visconde de Moimenta da Beira Julião Sarmiento de Vasconcelos e Castro, aqui nascido em 1802; o desembargador Rodrigo Sarmiento, assassinado em 23 de Março de 1837, sepultado no largo da igreja sob uma pedra que regista ainda o acontecimento; e Ladislau Patrício, clínico e escritor que aqui casou em 1911 com a filha de Artur Sarmiento de Vasconcelos, D. Maria José Sarmiento de Vasconcelos. Com o passar dos tempos continuaram a aparecer personagens que vieram a adquirir destaque, de que me permito relevar Manuel Augusto Rafael, vice-presidente camarário no tempo do executivo de Alberto da Costa Pinto, entre 1939-1948; e mais recentemente o escritor Eurico Andrade Alves e o bispo D. António Rafael.

## Paraduça

Publicado no dia 09/09/2011

Percorrendo escassos quilómetros riba Leomil, eis-nos chegados a Paraduça, terra antiga e pitoresca que justifica paragem demorada para olhar profundo. O sítio aqui é de gosto. Hoje aldeia, na transição do século XVII para o século XVIII sede de freguesia, Paraduça ombréia com a Serra e está agachada nas sombras com os cotovelos fincados a espreitar o luar. O ribeiro, que Gonçalves da Costa dizia chamar-se Verge, fertiliza-a ao verter pelas encostas, humedecendo-lhe as paisagens e afocinhando aos roncões nos pontões depois de catrapós pelos cachafurdos dos corgos. Acizentadas ou fuligentes, esvaídas pelo luar, cobertas de querrubinhas e detuças no bravejar do fraguedo e do mato, as serranias crescem para o céu deixando desabar nos campos a aragem constante. Aí a mudez dos ermos soa pelas chãs e matas do vale. Há dias em que nada quebra o silêncio esfíngico e o sossego do dia. O silêncio lá nos píncaros, enluarado e frio, paira como se fosse o manto que algum fantasma deixou no ar.

O verde dos lameiros, as matas alcandoradas no vértice da Serra; os penedos erguidos em tempos de que não há memória em jeito de bandeiras de batalha; os palheiros de povoamento e azáfama beiroa ancestralmente soerguendo os lombos de colmo repudo; o casario rústico e característico com combarros e quintãs, que os alpendres já vieram abaixo; os currais e quinchosos de animais de cuja convivência sobressaía a cainçada a latir; os largos e as eiras de fraguedo onde se estendiam mantas de milho e tabuleiros de barga acompanhados a compasso pela fiagem, doubagem e espiolhagem de mulheres de lenço afincado e avental de riscado; a carugeira dos pinhais pela calada das horas a zumbir baixo nos desvãos das lombas; são alguns ecos de tempos ancestrais ainda pressentidos por quem ali e acolá se detém.

É verdadeiramente poética a observação de dias outoniços com as folhas amareladas e vermelhas pontear em pelos ares e caírem no chão como lágrimas, na luz do sol. Os negros das serras rondam o horizonte e à noite o luar vai-se descobrindo, molhando pertos e longes, cintilando e pairando como um finíssimo véu alagado com levíssimas tintas de anil.

No Largo do Carril, ergue-se um crucifixo antigo, uma das antiquilhas que mais merece reparo na região, prova irrefutável de afincados e provectoros credos que tratavam de prantos baixos e delidos e os coros processionais que ecoavam como soluços de um bando de condenados. Serpenteavam amiudadamente nesse espaço, outrora, os pés descalços, bandos de miúdos que esfarelavam as calças de cotim já remendadas com trapos do mesmo pano, apenas vigiados por fiapos alvos de nuvens ali próximas pela altitude do lugar.

Os fraguedos da Pena distam dali pouco. Ter-se-ão arregimentado ali alguns monumentos megalíticos, no Cabeço das Orcas, provenientes dos antigos milénios do Neolítico. Daí terá colhido a terra o seu nome, *petra-adunca*, que terá evoluído para *Paraduça*. Desses monumentos ficaram apenas carrancas de fraguedos e abrigos megalíticos, delidos pelos ares ventosos tão altos e próximos às faíscas da sementeira de estrelas que ali se divisam.

Da cumeeira à encosta cozia-se outrora a terra à enxada e ao arado, aparecendo seixos e rebolos à flor do chão como ossos brancos de esqueletos desenterrados e esgadanhados pela fúria de feras esfaimadas. Lobrigavam-se tapadas de centeio, sortes de milho, lenteiros de feno, pastagens e hortas do que mais viçoso era possível colher. O arvoredado de grande porte era constante até soçobrar às mãos do fogo descontrolado. À beira dos calços as giestas ganhavam.

Da religiosidade remota chegou-nos a memória de várias confrarias antigas (nomeadamente a do menino Jesus e do Espírito Santo), a ermida da Senhora da Luz e o templo devoto ao guardião das chaves do céu, S. Pedro, outrora da invocação do Espírito Santo (pelo menos em 1708). É de origem antiga, assim como o povoado que manteve sempre a sua característica de singeleza, comprovada com o censo de 1527 que lhe atribuíu apenas 8 moradores. Ao longo do tempo as terras de Paraduça foram amplamente transaccionadas em virtude da sua fertilidade, de que foi exemplo o Dr. Frei Álvaro de Freitas, abade comendatário do mosteiro de S. João de Tarouca, que aqui tinha uma quinta nos finais do século XV.

## Peravelha

Publicado no dia 25/05/2012

Neste chão bravo, alto, religioso, cresceu um povo multi-secular que fez história. No alto da serra, aí se cimentou, outrora senhoreando um espaço maior, pelos foros de autonomia concelhia. O vento que é um pincha-no-crivo devasso e curioso penetra bufando nos quatro cantos desta terra, rosando as faces dos seus habitantes. Na calma absorta, só perigada pelo movimento da estrada que a rasga ao meio, ecoam pequenos ruídos que dificultam a destringa sobre a sua proveniência, bafejando o cógito com a ideia de se tratar de uma fonte ou antes um cântico de ave sussurrando, de água corrente, de vagem a estalar com o sol ou de um insecto na sua primeira manhã.

Peravelha é tapete de um solo negro que dá mostras de fecundo, pelo mato que nele cresce balofo, alto e denso, sugando as profundezas da terra mais sofregamente que vacas com fome. Ervas de toda a sorte se poderão encontrar aqui, cuja semente bóia nos céus ou espera à tez dos pousios a vez de germinar. Mas também matos frondosos que crescem à rédea solta da natureza. E baldios vestidos de um riscado acastanhado por onde rebentam verdejantes prados; charcos reluzentes nos algares das chãs e nos estirões das regueiras por onde bicam pássaros gorgolejando; sóis rijos e pesadões que se agacham na altitude como galinhas chocas sobre os ovos da postura. Mas não só! Pedregulhos de robusta e por vezes antropomórfica e zoomórfica feição ponteiavam aí por todo o lado, numa composição quase artística por onde vagueiam ainda alguns lobos, poucos, mas famintos, que com suas pernas maratónicas desciam dos seus fojos farejando currais, e famintos, capazes de rilhar uma fraga com os dentes.

Eco-museu, Peravelha é também repositório de evocações sociológicas e antropológicas ancestrais. Desde logo por ser terra onde é possível rememorar esses tempos onde as moçoilas matavam o tempo a rendilhar meias, saiotas, camisas, e a enlear meias e carapuças de malha singela que fizessem frente à temperatura. Assim de dia como nos serões. Aí, aproveitando a fraca luz da candeia, folgazões conhecidos de ginjeira como insolentes valdevinos, perpassando os seus vultos de ferragoulo alumiados à luz vacilante, lançavam a sua sorte colhendo negativas por uma timidez improdutiva ou audácia espalha brasas.

Peravelha, juntamente com Peva e Ariz, foi sede de um concelho com características geofísicas e humanas de que é possível ainda contemplar resquícios. Espelham-se esses foros de autonomia nas belas iluminuras do foral manuelino lavrado em 1514 de que hoje ainda existe cópia. A Casa da Câmara, onde laboravam dois juizes ordinários, vereadores, um procurador, um escrivão, um juiz dos órfãos com seu escrivão, dois tabeliães e um alcaide; a praça e o pelourinho, eram belos espécimes arquitectónicos que entretanto desapareceram. Juntam-se-lhe outros conjuntos patrimoniais de assinalável valia, naturais e construídos, como a “folha de Peravelha”, o Penedo da Fonte Santa, o Penedo do Cão, o Penedo dos Três Irmãos, o Penedo da Janela, o Penedo da Gralheira, o Penedo dos Santos Idos, a ribeira dos cubos e os silêncios eremitas que esconde nas suas margens, as construções castrejas, os megalitos pré-históricos, as cavernas naturais, os pedaços de mós, caldeirinhas e fossetas de lendárias imaginações, entre tantos outros vestígios desse passado remoto.

Por aqui passou certamente Almançor, por aqui certamente se travaram batalhas, por aqui venceram os cristãos, por aqui se erigiu um povoado acastelado com sua *Igreja Velha* devota a S. Miguel em cujas rochas cercanejas se fizeram orifícios e se sepultaram alguns dos mais afamados guerreiros. S. Miguel seria posteriormente tresladado para a nova igreja, também antiga e remodelada durante a época moderna, continuando hoje modesta à excepção do tecto da capela-mor que comporta caixotões com painéis pintados sobre a vida de N. Senhora.

Terras como esta têm uma ligação extra umbilical ao rusticismo beirão que dura uma vida inteira e mais seis meses. Para nosso regozijo!

Peva é terra ancestral, pré-histórica, onde o viver humano foi primitivo. Rodeada de montes e vales passíveis de contemplação na sua nudez e silêncio, a sua situação orográfica é serrana. As manhãs álgidas agitadas na aurora pela fauna avícola, o casario disposto ao jeito arcaico, o viver austero, os acontecimentos comezinhos do quotidiano vivenciados pelo vulgo como se o privado não existisse, fazem fulgurar na consciência tempos remotos, perenes, assim mantidos *mutatis mutandis*.

Píncaros desabridos, sedosos mantos com plainos de verduras, fragedos extáticos que parecem apossados de uma cristã benignidade, nevoeiros espessos como fuligens de queimadas, outeiros onde rincha o Noroeste num franco e ledor rir, árvores pluricentenares, cursos cristalinos onde deambula o Paiva do nascente para o poente, fazem destas paisagens uma grandeza sumptuosa, telúrica, poética, típica, bucólica. E se os olhos se rebalsam nesta serena onda natural, não menos o olfato se deleita nos eflúvios do passado quando fareja os ecos, as memórias, as reminiscências nos avelhentados pergaminhos, no epistolário dos pretéritos.

Hoje sede de freguesia, Peva já fez parte de um concelho que integrava Soutosa e Pera (hoje Peravelha). A rivalidade entre Pera e Peva, que reclamavam para si a sede do concelho fez com que ele se designasse de Pera e Peva, sendo a sede no entanto, para sanar o diferendo, em Soutosa.

Consta na *Grande Enciclopédia Portuguesa* que D. Dinis terá outorgado foral ao extinto concelho de Pera e Peva e que esse diploma terá existido na Câmara Municipal de Moimenta. Não há hoje rasto deste documento. Terá essa publicação feito confusão desse putativo documento com um outro foral, esse sim existente na aludida instituição, conferido por D. Manuel I ao concelho de Pera e Peva? É crível.

Peva, como também Pera, advém de *Pena*, relacionando-se por conseguinte com a sua situação geográfica serrana de grande altitude e ainda com as robustas penedias que aí abundam. Peva já pertenceu ao célebre e enorme Couto de Leomil, presumivelmente por casamento de uma D. Maior Pais com D. Egas Garcia, de Leomil. Teve feira de gado bovino e de cereais (que aí abundavam e eram transformados nos seus moinhos) no primeiro Domingo de cada mês. Santo Antão, padroeiro dos porcos de seba, é aqui venerado em Janeiro. Tem-lhe um templo dedicado, com fachada tipicamente beiroa e torre sineira, que em tempos remotos era administrado por um mordomo. Dele emerge uma portentosa escadaria e ao fundo tem um cruzeiro granítico de considerável valor artístico, semelhante a um outro existente em Soutosa. No século XVIII dirigiam-se para aqui procissões de Barrelas, Alhais, Ariz, Fráguas e Pera.

O relato paroquial de 1758 asseverava que a freguesia era da invocação de N. Senhora da Assunção, apesar de nessa altura a igreja já ter um altar dedicado a Santo António, sendo os outros o altar-mor, o da padroeira e o do Santo Cristo. Tinha uma irmandade de N. Senhora dos Prazeres.

Além de possuir um património arquitectónico importante, Peva tem alguns espécimes artísticos móveis de elevado valor, nomeadamente uma cruz paroquial que a tradição oral diz ter pertencido a Sendim, tendo sido trocada numa romaria da Lapa. Acresce-lhes uma sepultura antropomórfica escavada na rocha, bastante deteriorada, do período medievo, no sítio da Portela, e outra no lugar de *Um Santo* em S. Martinho.

A religiosidade antiga de Peva não se define nem compreende na arte, cruzando-se ainda com uma figura aí nata. Em 10 de Junho de 1705 despontou para a vida, nesta terra, um famoso jesuíta. Francisco Gomes se chamava. Fez-se integrante da Companhia de Jesus em Coimbra no ano de 1722 e na cidade do Mondego estudou Filosofia. Em Évora cursou Teologia vindo a tornar-se professor na Ilha de S. Miguel, na Lapa, em Évora, em Bragança, no Porto e em Braga. Falecer em Itália, em Castel Gandolfo, em 19 de Agosto de 1771.

## Porto da Nave

Publicado no dia 15/03/2013

*Porto da Nave*, eis um nome curioso. *Porto* significa confluência, extremidade, passagem, para a *Nave*. *Nave* significa altiplano. É palavra antiga, de origem ibérica, ligúrica ou êuscara (basca), anterior à romanização e que portanto existe em Português como *nave* ou *nava*; em Italiano, *nava*; em Francês, *nave* e *nef*; no Espanhol, *nava*, em todas as línguas significando planície em região montanhosa ou não, acepção que é possível ainda encontrar em Vila Franca das Naves ou em Nave de Haver, no distrito da Guarda.

Asseverou o padre Joaquim de Azevedo que Porto da Nave fica no alto da serra de onde se descobrem muitos montes, que em tempos se podiam lavrar, ainda que frios e desabridos. Pão se semeava aqui muito. Hoje a folha de pão transformou-se em pradaria verde com cintilações prateadas das águas frias que brotam daí mesmo.

Urgueiras havia-as em todas as léguas, assim como tojos, carquejas e giestas. Foi sempre terra de fauna díspar: cabras, ovelhas, porcos, vacas, bois, muita caça, lebres, coelhos, perdizes, rolas, raposas e lobos.

Apesar de lugar rústico, cimentado nos píncaros serranos, o povo é religioso, aí venerando N. Senhora de Fátima, com festividade no segundo Domingo de Agosto.

Não é muito difícil imaginar nesta localidade, o íncola, séculos antes, no seu quotidiano, a matar coelhos à moca e a queimar cepas nas querruvinhas dos montes; abrigando-se da neve ou da chuva com uma capucha pelas fronteiras ou palhoça pelos ombros, polainas até às coxas, socos de empenhas dobradas a desfilar por este solo bravio; de sacho erguido, a saltar paredes, furar pinheirais, canchar alpondras, esbarrondar açudes, encher os talhadoiros atidos ao seu cuidado; pinchar escalões, fragas e estrumeiras; despedir sacholadas em gatos ociosos que se engalfinhavam nos mios; alapar e esgrilar aos ecos de tamancadas sobre as lajes das corgas; continuar nas quelhas fora perseguindo as sombras rasteiras que buliam nos chavascais...

Esta é verdadeiramente uma terra que frequentemente desperta ensonada nos nevoeiros matinais típicos da sua situação altaneira, qual pastora na serra, à medida que a luz, de búzia e carugenta, se torna nítida. Ouvem-se ainda os espaçados *més* doloridos de gados encurralados ou alegres da fartura; roncares de jumentos, chios de carros belgas fora, campainhas telintando telintares finos como pedrinhas a fazer “cloque” quando derramadas sobre águas sornas.

Pelo exposto, a breve trecho, Porto da Nave é uma das janelas preciosas que melhor nos atira as vistas para o impressionismo das telas paisagísticas do que melhor estético o concelho tem. E se na invernia é o belo horrível que aqui se nos depara, com as faíscas a dardejarem o solo rebombando em tempestades dos tempos de Noé, no Verão presenteia-se-nos um panorama de noites perfumadas e mornas, sob a farinhada da lua, alvoradas de rosas logo que os ponteiros alcançam as quatro horas, e raios soalheirentos com feixes que parecem ficção.

## Rua

Publicado no dia 13/04/2012

Rua é uma localidade implantada à ilharga nascente e poente da estrada n.º 226, bordada de casario rústico centenário, que retalha a povoação a meio. Elemento embrionário da povoação, essa *rua* deu-lhe o nome. *Vila da Rua*, assim foi designada desde que foi munida com essa distinção, até que em meados do século XIX perdeu o estatuto de concelho, não de vila. A tradição oral manteve-se, e ainda hoje há quem lhe não chame apenas *Rua* senão *Vila da Rua*. Se *Vila da Rua* era, desde pelo menos o século XVIII, como lhe chamou o padre Carvalho da Costa em 1708, *Vila da Rua* deveria continuar a ser, como a não distante *Aldeia da Ponte* passou a *Vila da Ponte* e desde então sempre o foi e hoje o é.

A Rua alonga-se por um espaço airado ensilvado por miríades de espécimes vegetais dignos do maior conspecto sentimental. Ali medra toda uma antologia de ervas que emprestam ao fito policromia ao desbarato. Nos espaços maninhos encontram largas para a sua expansão. No solo revolvido esfomeam as novidades, obrigando ao desbaste os agricultores de chapéus ruços de tantos sóis conhecerem.

Quando a época é estiva, chapa-se ali um sol com o ardor que centenas de anos secara tolhas de cereal, e corre uma brisa suave e dormente. Nas demais estações, que hoje, como Cristo, morrem cedo e ressuscitam logo após, o céu enche-se de luto, rompe-se a bolsa amniótica e do ventre caem feixes grossos de uma água gélida que se entranha nas veias da terra, tornando-a fecunda.

Terra de lendas de reis, de religiosos célebres, de exímios escritores, de raízes e memórias que se mesclam nas épocas históricas mais variadas, a Rua foi também terra de farsolas que se não benziam duas vezes para varrer a pau uma feira inteira. Terra porém de justiça que engalfinhou o Pires, um desses bandoleiros, num madeiro levantado ao alto no Prado, ao qual se lhe ataram os gorgomilos até os pulmões se tolherem do ar diáfano que não mais mereciam receber. Terra municipal irmanada a Caria desde os tempos remotos da Idade Média, em que ponteavam sob a designação vocabular de *Susã* e *Juzã*. No período moderno a Rua fez-se sede da administração política desses limiares, legando aos vindouros o contacto emotivo com tão belos ornatos graníticos, como são o pelourinho e o casario que por ali se esparrela em ruas e ruelas com os cotovelos fitos à espreita de outras. O concelho foi extinto em 24 de Outubro de 1855, transitando para Sernancelhe. Só em 21 de Maio de 1896 as freguesias de Caria e Rua foram transferidas para o concelho de Moimenta da Beira.

Nas cercanias da localidade o horizonte é infindo e o vale acentua-se em depressão de anfiteatro, guardado lá no alto pelas serranias que, transpostas, levam o olhar até ao Távora. Do silêncio esfíngico de uma calma absorta nos locais mais ermos brotam ainda ecos e memórias de tempos remotos, romanos, godos, árabes, cristãos, corroborados por vários artefactos ao longo dos tempos encontrados. Na matemática da vida, dividiu-se a riqueza, somou-se o progresso, multiplicou-se a modernice e subtraiu-se a genuinidade identitária. Porém, a Rua divisa ainda toda uma plêiade de elementos patrimoniais, imateriais e materiais que testemunham essa riqueza cultural ancestral. O casario rústico é um deles. Absorvido na vida intensa do amanhã da terra, o aldeão beirão só conhecia a casa para cear, dormir e nela se acoitar da fúria dos elementos. Por isso ela era pobre e desalfaiada de cómodos: paredes toscas de granito sem reboco exterior, lojas térreas para os animais, para a arca do milho, para a pipa do vinho; por cima andar corrido, sobradado com poucas partículas de espaços. Escapavam a este padrão as moradas dos que de seu não tinham apenas os caminhos. As habitações que serviram a famílias como os Teles, Rebelos, Cardosos, Melos e Cabral Pais, estes últimos donos da fábrica de Fiação de Seda, são um exemplo.

A juntar a toda a riqueza já aludida, são de referenciar os vários espaços de contemplação espiritual, com destaque para a igreja matriz, umbilicalmente ligada aos jesuítas de Coimbra. Ergue-se este templo de S. Pelágio num espaço airoso e de bela concepção, integrando lugares monumentais como o chafariz que ali se depositou depois de extinto o cenóbio franciscano. É um templo de fachada convencional, austero, robusto, desprovido de grandes arrebitos artísticos mas com pormenores que ajudam a sacralizar o conjunto, como a torre sineira quadrada e as

grandes cruces de pedra adossadas à fachada. Por fim, mas não no fim, o pelourinho exuberante que em 31 de Dezembro de 1915 foi classificado de monumento nacional. Apresenta uma concepção artística de transição ou sobreposição de estilos, entre o gótico e o renascentista.

## Sanfins

Publicado no dia 13/07/2012

Sanfins é terra ancestral que remonta à pré-história, mas os pedaços mais célebres que atestam o seu passado situam-se nos períodos do bronze e do ferro e alongam-se pelos tempos das civilizações clássicas. No seu castro muralhado, intitulado castro de *Paredes Secas* nos idos do século XIII, e até tempos recentes designado pelos moradores da freguesia Cabeço do Castro, Outeiro do Castro, Pico do Castro ou Monte do Castro, onde só se podia entrar pelo lado do Norte ou pelo lado do Sul, foram inúmeros os objectos que testemunham o povoamento remoto, como machados de pedra; seixos redondos; percutores; mós; pesos de tear; instrumentos de arremesso; fragmentos de vasos de barro; fragmentos de loiça ornamentada; *tegulae*; cossoiros de barro; fíbulas, fivelas, lâminas e agulhas de bronze; contas de vidro; medalhas de prata cunhadas em Roma. Posteriormente foi tomado pelos mouros e mais tarde ainda reavido pelos cristãos. Viria a ser terra também de ilustres figuras como o capitão-mor Manuel de Vasconcelos Pereira Bravo o sargento-mor João Lucas Cortez Pinto e Vasconcelos e já na transição da monarquia para a República, o padre e historiador António Mendes Cardoso.

Ir a Sanfins e não subir ao castro é como ir a Roma e não ver o papa. Trepamos pela velha serventia. Vereda calcorreada pelo homem primitivo por entre o denso bosqueado. No alto do monte, superfície castreja de muros robustos imperecíveis à matemática do tempo, um miradouro em terraplano, debruçado à aldeia que dali se contempla na sua mais representativa área. E para lá dela, até ao horizonte infindo, um panorama maravilhoso, vastíssimo, onde se fundem terras de além com terras de aquém, cuja contemplação invade pela grandiosidade da paisagem, fascina pelo encantamento que traz ao olhar, deslumbra pela alegria com que presenteia a alma.

Este quadro magnificante foi o poiso escolhido pelos antepassados remotos que construíram este castro. Ali labutaram pela sobrevivência, lançando as raízes do povoamento do território. A vida nesses tempos ancestrais era áspera, laboriosa, exigindo esforço estrénuo e demorado. Mas o sítio foi escolhido a preceito. Quando os dias são claros, ali o sol dardeja os seus feixes de luz por extensões imensas que se imiscuem em explosões luminescentes e se fundem, confundem e unem, iludindo as distâncias e deixando ver, a custo, os acidentes do solo, as manchas da vegetação e as obras do engenho humano. Colinas, vergéis, matagais, muros, valados, estradas, pontes, tudo aparece impreciso, difuso e de limitada grandeza.

No solo granítico, milenar, aposto naquele marchetado tapete natural de variegado colorido, vêm-se rochedos de inconcebível variedade de desenhos, tismados pelo mugre dos séculos. Abunda um arvoredado denso, uma floresta centenar, que veste montes e vales, ponteando o território e erguendo os braços para o céu, fazendo deste território pedregoso um sítio airoso. Os campos de cultivo são férteis e intermedeiam-se com os arranjos urbanísticos. Em tempos mais remotos o íncola pedia ao mato e à água doce a sua nutrição essencial. Gramíneas, poucas conheceria, e sendo certo que as árvores de fruto deviam beneficiar de um ambiente mais favorável que hoje, não eram elas que lhe abasteciam o celeiro.

No fundo... Sanfins é uma das madrigueiras da Beira de dilectas falperras alpestres onde ainda é possível descobrir os encantos da natureza como solar do homem primitivo que outra telha não tinha que o céu estrelado.



## Sarzedo

Publicado no dia 20/01/2012

Erguida ancestralmente nas faldas de uma propriedade que presumivelmente remonta aos tempos dos presores godos, nomeadamente no monte de Brito, a *villa Berti*, terá dado posteriormente lugar ao Sarzedo. Se Sarzedo advém da natureza enquanto estiramento vocabular das cerejeiras que ali abundavam e pomposamente floriam, não se tem provas inequívocas. Já dúvidas não existem, porque a documentação assim elucidada, de que Sarzedo é evolução de outros vocábulos anteriormente usados, como Cerzedo e Salzedo, com uma aproximação fonética de Salzedas que urge desvendar.

Disposta numa superfície em declive, anfiteatrada, encontra-se virada a nascente esta terra de solos férteis e fartos, de onde outrora brotavam com fartura boa fruta, milho, castanha e amoreiras. O casario está disposto em amontoado, apenas interrompido pela estrada nacional número 313 que conduz a Armamar. Outrora era apenas caminho que, tudo faz crer, fenecia aí. Apenas muito mais tarde se prolongou a ligação até S. Cosmado e daí a Armamar, como comprova o pedido formulado em 1909 ao governo de Sua Magestade, pelo abade do Sarzedo, Filipe José Alexandre Requixa, um dos filhos que desta terra tiveram assento na presidência da Câmara de Moimenta da Beira. Na sua qualidade de autarca, solicitou que se fizesse o prolongamento da estrada n.º84, de S. Cosmado ao Sarzedo. O templo, da invocação de S. Lourenço, fica-lhe à ilharga e a paróquia em 1614 tinha 80 vizinhos. Em 1758, na relação enviada para a coroa pelo pároco local, Manuel Rocha Cardoso, são mencionados outros locais de culto, entre os quais a capela de Santo António, administrada pelos frades de S. Francisco de Caria.

Documentada pelo menos desde 1152, data da carta do couto de Argeriz que a menciona, esta localidade esteve praticamente sempre ligada a Leomil. Primeiro ao Couto, depois ao concelho. Inicialmente como mera superfície territorial que se deixava administrar, posteriormente emprestando a Leomil a mais fina flor da sua elite palreira, inexoravelmente ligada ao solar aí erecto.

Essa bela casa situa-se à entrada da povoação do Sarzedo, na referenciada estrada nacional. É imóvel classificado de interesse público desde 26 de Fevereiro de 1982 e a sua construção remonta à volta de 1523, altura em que Domingos Álvares Machado, ouvidor dos 4.<sup>os</sup> condes de Marialva, a terá mandado edificar. São já escassos os elementos arquitectónicos que atestam essa primitiva construção, porquanto as obras de remodelação foram uma realidade com o passar dos séculos, entre as quais aquela que terminou em 1724 foi uma das mais abrangentes. A construção é composta por vários corpos, incluindo o da capela, cuja articulação denuncia a evolução das diversas campanhas de obras.

Fachadas de largura desigual, portais apilastrados, largos lintéis ornamentados, esbeltas cornijas de larga pedra quadrangular, molduras corridas sob cornija que sustentam beirais, frisos decorados com molduras intervaladas, balcões com guardas de ferro forjado sobre mísulas volutas, vãos de molduras simples de cantaria, são apenas alguns dos elementos arquitectónicos e decorativos exteriores de interessante feição que fazem parte de uma panóplia maior que constitui um vasto repasto cultural pronto a ser consumido. Quanto ao interior, são também múltiplos os pormenores dignos de reparo, do estilo barroco, como os tectos de madeira com caixotões ornamentados, que engrandecem este solar e enobrecem esta povoação. A coroar todo este conjunto de lustro, a luxuosa capela da invocação de São Domingos, que remonta a 1523, e um remate em pedra armoriada dos Machados, Nápoles, Ferreiras e Almeidas, encimada por cruz sobre base volutada, ao jeito barroco. Um documento em forma de mercê, emanado pela chancelaria de D. João V, em 22 de Dezembro de 1742, reconhecia a fidalguia desta família e o registo das suas armas em livros apodícticos.

Motivos de sobra para ver e admirar, *in loco*, os referenciados mimos culturais, os quais necessitam de um granjeio memorialístico destinado a perpetuá-los no tempo.

## Segões

Publicado no dia 21/10/2011

Aldeia remota, rústica e ribeirinha, Segões é uma das vinte freguesias que amanhã os limiares do concelho de Moimenta da Beira, uma das que mais dista da sede concelhia. Os 2,20 km<sup>2</sup> de área onde está implantada, logo ali às portas de Barrelas, apresentam-na como uma freguesia pequena, com uma massa humana que se espraia pouco de uma centena, mas indubitavelmente rica sob o ponto de vista da história, da arte, da cultura e da sociabilidade. A sua posição de transição entre os bispados de Viseu, Lamego e Guarda foi reconfigurada ao longo da História. É possível que em tempos mais remotos tenha pertencido a outros concelhos e vários foram também os municípios que viu soçobrar às mãos do tempo, das reformas e das conjunturas. Resistiu às vicissitudes de percurso, mantendo-se implantada nas margens do leito do Rio Paiva. Desde tempos imemoriais que estas águas turvas de saís procurados para doenças da pele, deslizam pelas suas planícies com uma calma absorta que liberta as substâncias necessárias à sua fertilização, constituindo o caudal necessário para pôr em marcha essas locomotivas ancestrais de transformação do cereal.

O património cultural, móvel ou imóvel, é múltiplo e compreende todas as edificações ou realizações humanas do passado. Não significa, pois, que solares e outros imóveis e até bens móveis que testemunhem a existência de modos de vida refinada próprias dos estratos mais elevados da sociedade, devam ofuscar a existência e importância de outro tipo de património relativo aos sectores mais baixos da sociedade. O património rural, religioso e civil tem um valor próprio que importa considerar. Segões é uma aldeia rica em património rural. Além dos moinhos que ponteiam pelo curso fluvial, do fraguado das eiras em granito puro da Beira, possui uma sepultura escavada na rocha da *Pedregua*, uma sepultura ovalada de tipo sarcófago em granito, um cruzeiro notável, diversas alminhas, um templo católico de nota histórica e todo um casario de feição arcaica e rural que ombréia com um traçado não menos rústico numa doce emanação de passado, presente e futuro.

Diz-se que o povoado de Segões remonta ao século IX ou X, advindo o seu nome do germânico *Saggo*, o fundador que terá erecto a vila *Segonnis*. Na falta de provas com substância científica dever-se-á sublinhar esta conjectura como mera hipótese. Porém, a antiguidade de outros povoados limítrofes, bem como a multiplicidade de vias românicas nas proximidades territoriais, robustece a hipótese.

Não abundam os documentos acerca desta aldeia moimentense. Existem alguns fragmentos dispersos já inventariados e certamente muitos outros ainda por identificar. Sabe-se, a título de exemplo, que na Igreja de Segões estiveram agentes do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição em 22 de Dezembro de 1678, onde interrogaram alguns moradores acerca de um clérigo solicitante.

Em 1768 Segões tinha 50 fogos, ou seja, cerca de 200 pessoas. Em 1880 tinha já 65 fogos e uma população de cerca de 250 habitantes. Desde tempos imemoriais que o orago da paróquia é S. Martinho, bispo. Pertenceu durante praticamente toda a época moderna ao concelho de Caria-Rua. Pinho Leal sublinhava-o em 1768. Desanexados estes dois concelhos, Segões permaneceu ligado à Rua. Era o reitor da Rua que apresentava o cura nessa paróquia, o qual tinha 40 mil réis de cõngrua aos quais acresciam 30 mil réis de benesses. Sobre a terra propriamente dita, Pinho Leal advogava ser fria e abundante de cereal e caça.

De toda a riqueza patrimonial da aludida povoação o vetusto cruzeiro é o mais emblemático e enigmático e sobre ele publiquei já um artigo onde forneço algumas pistas sobre a sua origem, nomeadamente sobre o facto de poder ter sido aproveitado de um pelourinho. Deslocalizado, está hoje no centro de um largo a marcar a sua posição de relevo arquitectónico como ex-líbris da terra.

Na Portela (pequena porta) que em tempos cobrava direitos de portagem da *terra domenicata* do célebre Couto de Leomil, metemos por um caminho íngreme de cuja altitude se faz vista boa para as águas da ribeira do Nozede e para os calhaus da outra encosta cimeira, estáticos e de uma portentosidade que fixa com o fito altivo de nobre. São penedias ancestrais leomilenses que guardam os píncaros e olham o vale que lhe desliza com o minério necessário à vivacidade do granjeio. O Nozede é apenas um dos inúmeros cursos de água que têm berço na Serra de Leomil e que se estendem por vários vales e campos rumo ao Douro, toldando-os com uma água cristalina que corrisca em veias pelo solo do Demo.

Volvidos alguns minutos estamos na Semitela, alfobre de semitas. Terra de aragens constantes, situa-se na meia encosta numa das saias da Serra. Serranias churras, pinheirais, lá ao cimo nas cristas pedregosas. Leiras verdejantes em jeitos de frescura, coriscos de água pondo termo à calma absorta, cá e lá em baixo. Num e noutra sítios crescem soutos com bravura e ao lado espreitam muros de silvas, musgos e outros líquenes. Nós estamos ali “agora”. Eles estão ali desde “ontem”. Nós contemplamos o que vemos. Eles escondem silêncios remotos. O vale, no estendal do granjeio, acolhe os assobios dos pássaros numa orquestra onde cores e sons se fundem. Reter certas luzes do sol a pôr-se, ver certos muros de torres em ruína faz pressentir pavores ancestrais, atrás de calhaus à espreita dos medos surrateiros, talvez semíticos. A paz que ali se presente é como a dos pousios, apenas sacolejada pelas águas a borbulhar nos caminhos, direitas aos mimos dos granjeios. Hortas, pastagens, searas, colgaduras de estevas e rosmaninhos fazem parte um habitat variado por onde esbraveja uma fauna díspar. Olhar para estas aguarelas com olhos de ver, é viajar por várias dimensões e rememorar as idades esquecidas, os legados que ainda não findaram.

O povo da Semitela (Semit = semitas + tela = ideia de povoado) é a prova cabal da presença semítica ancestral (judaica e árabe) na nossa região. O termo semita tem como principal designação o conjunto linguístico composto por uma família de vários povos, entre os quais se destacam os árabes e hebreus, que compartilham as mesmas origens culturais. A origem da palavra semita vem de uma expressão no Génesis da Bíblia que se refere à linhagem de descendentes de Sem (Semitas), filho de Noé. Modernamente, as línguas semíticas estão incluídas na família camito-semítica.

No século I da era cristã, os judeus acabaram por se dispersar pelo império romano ao qual passaram a pertencer, dando origem a uma diáspora. Nessa diáspora vieram para a Península Ibérica e uma comunidade instalou-se no couto de Leomil, um espaço integrador, multi-étnico e multi-religioso. Ter-se-ão instalado no sopé da serra, nas imediações da sede jurídico-administrativa do Couto, dando-se a essa comunidade o nome de Semitela. Etnicamente os árabes também são semitas, por isso Semitela, que designa urbe de semitas, tanto poderá referir-se a um pequeno povoado de judeus como de árabes ou de ambos em conjunto. Por esse modo, é crível que a povoação da Semitela remonte ao período da conquista ou reconquista da Península Ibérica. Semitela é um nome pelo qual os próprios semitas não se intitulariam. É algo externo a eles próprios. É uma designação de cristãos sobre os outros povos étnico-religiosos. Daí que seja mais plausível que a Semitela tenha sido constituída na época da reconquista cristã.

Poder-se-á ainda equacionar outra hipótese. O latim “Semitella”, como reflecte Almeida Fernandes no célebre trabalho “Toponímia Portuguesa”, poderá ser diminutivo de “semita” com significado de “senda” ou “atalho”. Seguindo ainda a evolução linguística da toponímia poder-se-á conjecturar que “heremitella” de “heremita” relacionada com um templo terá dado origem a “eremitella”, depois “esmitella” e finalmente “Semitella”.

A Semitela foi sempre, na verdade, uma pequena comunidade e nunca deixou de pertencer a Leomil: primeiro ao Couto, depois ao concelho e hoje à freguesia. Poucos são os documentos que dela nos falam. Mas os poucos que a ela se referem apontam precisamente para a sua pequenez. É o caso, a título de exemplo, da monografia oitocentista do Padre Carvalho da Costa, onde consta que essa paróquia tinha ermida de Santo António e aí viviam 12 vizinhos. Apesar de pequena a sua feição é grande a importância desta terra para se perceber a diversidade religiosa e matriz cultural desta sub-região.

Num jardim adornado de verdura, esmaltado por variegado colorido, vamos encontrar uma povoação com ecos de reminiscências e lustros de poesias memoriais. O nome Sever pode ser resultado do antropónimo “Soeiro”; pode ser fruto do vocábulo “cibária”, que era um produto granulado parecido com a cevada, cultivado na Granja de Arcas ou na Granjinha; ou pode ter origem no genitivo *Severus*, resultando daí a *Vila Severi*, erigida pelo presor godo *Severus* (vila do Severo) nos tempos anteriores à fundação da nacionalidade.

A atestar a vetustez desta povoação, vários documentos do século XII se lhe referem. Poder-se-á recuar até 1151, tempo em que D. Mem Moniz e sua mulher D. Cristina trocaram terras que possuíam em Sever com o mosteiro de S. João de Tarouca. Em 1161 novo documento se refere a esta povoação. Trata-se da delimitação do couto de Argeriz que com ela confinava: “*dividitur cum Sever atque Seixa*”. Sever é depois referenciado como couto, em 1173, e em 1258 já era do domínio dos monges de Cister porquanto nessa última data era já pertença do couto do mosteiro de S. João de Tarouca. Veio depois a receber os privilégios da autonomia concelhia num processo longo de afirmação que ainda o colocou sob tutela dos concelhos de Lamego e Mondim. Quando se afirmou de forma autónoma, para o que veio a contribuir uma carta de D. Manuel I, veio a integrar o Couto de Leomil. Foi então que presumivelmente ergueu o seu esbelto pelourinho. Deste concelho faziam parte além do Barracão, Granjinha e Arcas, as povoações de Vila Chã do Monte, Sanfins e Alvite.

Terra de lameiras verdejantes do mosteiro de Salzedas onde remotamente se apascentavam gados, este recanto beirão tem águas que lhe logram a peregrina formosura. Se cortarmos de espora fita pelos pousios encontramos um manancial de ervas à solta, ora vulgares ora raras, desengonçadas e cambaleantes, ao contrário das leiras aprumadinhas como meninos de coro. Quando o sol encoberto vai mostrando ao mundo a luz quieta e duvidosa, figuram-se horizontes coloridos de formas. Quando a lua trauteia a corda de encerrar para descer, esbocelam-se noites românticas, com céu lustrado de grisalho de nascente a poente e Sete-Estrela luminescente, definhando-se ruídos e reinando uma calma absorta que dorme o sono dos justos.

Os longes esfrelam-se em matas a zoar com a ventania por todos os seus foles, acompanhados de alguns caninos que aqui e acolá desafiam as campinas silenciosas maticando. Um arvoredado variado, esparvadiço, ergue-se e cambaleia, deixando ver pedras intonsas de líquenes e musgos. As mais robustas são o Penedo da Camisa, o Penedo da Arrueda, o Penedo do Picanço e o Penedo dos Sete Castelos.

Ao redor, pelos centeais, quando os há, pelos pinhais taciturnos, pelos baldios de giestais, feitos e sargaços, vislumbram-se vestígios da ocupação remota de povoados antigos, como o do Picanço, hoje desaparecido. Por aí e daí a todos os vértices da localidade ponteiam topónimos ancestrais que indiciam ocupações dispersas, como a *Secelea* e *Sezé*, aludindo à capelinha de S. José que ficava na confluência de uma via de comunicação importante. A estes somam-se ainda nomes que falam de um passado histórico, como a Alcadaria, Albergaria, Antas, Cova do Ferro, Dominga Paz, Eira do Jogo da Bola, Eira de Pêra Galega, Pera Longa, Mura, Orcas, Padrão, Picoto, Praça, Rua da Tenda, apenas para citar alguns.

Não menos passa despercebida uma religiosidade retinta que vem desde os monges de S. João de Tarouca. O templo, majestoso, é devoto a N. Senhora da Conceição e tem uma inscrição antiquíssima à espera de decifração. Um Calvário com cruces de granito junta-se-lhe, a par de capelas singelas na construção e soberbas de passado. Por Sever professou, entre outros, o célebre padre Baltazar de Cimbres, destro na arte concionatória. E bastariam estes elementos. Mas, Sever foi ainda presumivelmente terra com um convento no seu termo, o da Senhora das Seixas. Foi, também, terra de um recolhimento de freiras de Santa Clara de que até há pouco tempo havia vestígios, físicos e toponímicos.

Religiosidade, rusticidade, historicidade, arte, natureza, são alguns dos condimentos memorialísticos que se fundem e que são servidos na robusta tábua do tempo, como repasto cultural para quem visitar esta terra.

## Soutosa

Publicado no dia 21/06/2013

Cancha aqui, cancha além, por entre veredas que nos livram de regueiras e veios que traçam e retraçam os campos de pascigo e as vessadas de arroteio, encontramos Soutosa. Sobranceira à serra, mantém o encanto e a graça de outros tempos. Aqui, tanto nos baixios plainos, como nas cristas pedregosas, a beleza natural e artística comungam da mesma malga.

Se o vocábulo Soutosa deriva de *Saltuosa* como alusão a *lugar coberto de bosques* não se pode comprovar, mas é crível. Encabritados caminhos guardados pelo arvoredado por onde se espraia a pulsação dos ventos há-os hoje aí com abundância. Montículos toldados de selvajaria vegetal há-os ainda também nesta terra com abundância. Corgos, merouços de tojos e saganho, cumieiras peladas, giestais e amontoados de caruma, são provas irrefutáveis. Mas os visos, nesta terra, excedem o bosqueado. Fitam-se ainda hoje lombas de cascalhos, lajedos com uma fria samarra já gasta pelos manguais, tapadas de centeio, sortes por onde medram mimos pujantes, lenteiros de feno, rolos de água cambaleantes, combarros e quintãs.

Algum casario e a disposição das vielas ainda mantêm uma traça tradicional. Abunda o granito beirão. Duro como os cornos, só duvida quem não pregou já com as ventas em qualquer esquina. Os ares, quando é altura disso, enchem-se de trovas do passaredo, vivaça maneira de brindar a presença de quem não arreda pé deste lugar, sentindo-se as reverberações desse afecto. Verbosa adjectivação terá que estar sempre no encaço das alusões a este lugar. Não são imarcescíveis os ecos da cultura beiroa que aqui encontramos? Telas vivas; máquinas do tempo em rebobina; eras passadas que se aproximam; tempos distantes em comunhão!

Soutosa é lugar cuja idade se perde nas profundezas da cronologia. Atestam-no, por exemplo, as sepulturas escavadas na rocha, antropomórficas ou não, que aí ainda existem, designadamente oito no lugar do *Casal dos Moiros*, junto ao Paiva, e quatro nos *Covais*. Em 1213 já Soutosa aparece nomeada como povoação, designadamente num documento de doação ao Mosteiro de S. João de Tarouca. Menções do mesmo género repetem-se a partir de então, nomeadamente em 1309, num documento de venda de um casal aí localizado.

Em 1527 já Soutosa pertencia e era aliás cabeça do concelho de Pera e Peva. Era uma terra modesta, tinha então 25 habitações. Aí se encontravam os espaços da administração municipal do concelho. O concelho de que era sede tinha juízes ordinários, vereadores e os restantes oficiais que era comum as Câmaras terem, como consta do foral que lhe foi atribuído por D. Manuel I. Tinha ainda duas companhias de ordenança (unidades militares). Mais de duzentos anos depois ainda Pera lhe pertencia, de acordo com um documento escrito em 1758 pelo cura Manuel Francisco de Almeida. O espaço geofísico do lugar e o quadro humano mantiveram-se relativamente estáveis, sem grandes mutações. Em 1981 viviam nos seus limiares 272 pessoas.

Há bem pouco tempo existia ainda em Soutosa a casa da cadeia, convertida em loja para animais; a Casa da Roda e o Outeiro da Forca, símbolos da soberania municipal do passado. A casa da Câmara, também aí localizada, foi vendida em hasta pública em 1859 por 24 mil réis. Tinha uma praça com pelourinho cujo paradeiro se desconhece.

Uma derradeira referência para sublinhar que esta terra serviu de morada ao celeberrimo Aquilino, inspirando-o em muitas das linhas que aí escreveu. A casa onde se acoitou é hoje sede de fundação e museu.

Por tudo o exposto esta é uma Terra, enfim, onde se devem colocar pés ledos e não lestos, que permitam uma cabal contemplação de todos os encantos que ela tem para oferecer.

## Toitam

Toitam é um povo laborioso, ladino e sofredor como os demais que se acoitam sob os céus deste cerne da Beira. Mas, ao mesmo tempo, probo, piedoso e reverenciador. Pertence à freguesia dos Arcozelos.

Aprazível e salutífera é a sua condição geofísica. Está em lugar alto, cercado de fecundas veigas, arvoredos e prados. Irrevogável cenário este, de céu azul e sol peneirado em tempos de estio, e de nuvens inquietantes lançando carrancas e barrigas parturientes que desde há séculos despoletam na população um pueril e supersticioso temor.

*Toitam, Toitão, ou Toutão*, são variantes da mesma palavra com a mesma significância. Etimologicamente é termo de origem desconhecida. Porém, considerando que *Touta* significa em Braga “pessoa de pouco tino”, *Toutiço* está ligado ao vocábulo “cabeça”, e *toutivanas* exprime “pessoa de juízo leve”, certamente que Toitam, Toitão ou Toutão tem significado de orografia, isto é cabeça. Basta olhar para o local onde a povoação floresceu, uma *cabeça* situada na meia encosta. Também há a interpretação, menos plausível, de que possa derivar de *villa Totilani* ou *Quinta de Totilano*, cavaleiro germânico que ali se fixou.

Dizia A. Bento da Guia, com toda a propriedade, que Toitam é o povo mais antigo dos Arcozelos, certamente anterior ao século XII, devendo ter surgido a partir do vizinho Castelo de Caria que lhe ficava a sul, no alto do monte. De facto é um povo pré-histórico. Encontrava-se antigamente dividido em Toitam de Baixo, a povoação actual, e Toitam de Cima, desaparecido lugar, presumivelmente correspondente ao lugar fértil e abrigado acima de Nacomba designado de Toitainho.

Em Junho de 1239 foram doados a D. Guilherme Fulcon, mestre dos Templários, vários bens em Toitam de Baixo e Toitam de Cima, pelos descendentes dos senhores da Honra de Caria, Egas Moniz e Mem Moniz. No século XVII já tinha uma capela devota a N. Sra. do Rosário de que há ainda resquícios. Foi posteriormente construída a capela de N. Sra. do Carmo, restaurada pelo povo em 1983, contendo peças de arte sacra oriundas do extinto convento de S. Francisco pertencente ao antigo concelho Caria, nomeadamente as imagens de N. Sra. dos Remédios e de S. Francisco e dois painéis de madeira pintados.

Toitam tem também um património natural a relevar. Pedras calvas e ermas com montes e vales a sucederem uns aos outros e no fundo deles só verduras e sombras. Arroios a borbulharem de cada encosta porquanto todos os vales são regados, vindo a sumir-se nos suaves declínios e nos leitos rochosos dos rios próximos. Estradas bordadas de fieiras de árvores, tapizados de verdura. Ao calcorrear este povo logo saltam à vista estas belas telas naturais, irrupção que acontece com a mesma espontânea naturalidade com que rebentam nascentes, fontainhas e desabrocham flores silvestres nos montes e prados.

## Vide

Publicado no dia 12/10/2012

Recanto de encanto com traça multífera de beirão e duriense, a dobar para o Vale do Távora, Vide apresenta-se-nos com a sua ocupação física entre as povoações de Rua e Granja dos Oleiros. O ser mirante para o Távora imprime-lhe uma situação privilegiada de montanha e simultaneamente vale que, por certo, foi o motivo de eleição para aí se ter cimentado aquela que teria sido a primeira comunidade cristã luso-romana da região em torno da capela de S. João. A origem do nome é ancestral e dever-se-á ao putativo milagre da dita *videira de S. Pelágio*, situada nesta povoação, por detrás de um forno público, a qual, em Junho, produzia cachos com bagos do tamanho das contas dos rosários mais graúdos, permitindo o santo desfilar com um deles na procissão anual em sua honra que então ocorria no dia 26.

Veste esta terra de um florescente e sedoso manto. Percorrer-lhe os caminhos é oportunidade para o deleite de respirar os eflúvios dos bosquedos ao passo que olhos rebalsam na serena onda vegetal. É sobretudo de pinheiros o seu povoamento mas outros espécimes florísticos ali foram arregimentados. A urbe foi cimentada em jeito concentrado. De encarquilhadas ruas e ruelas, ombreando com casinhas de um imperecível granito, ainda há resquícios. De quinteiros e eirados, já pouco resta.

Remotas comunidades aqui vieram parar... para ficar. *Rochela* ou *Arrochela*, entre Vide e Granja dos Oleiros é ainda hoje um arqueossítio que revela a ocupação remota destas paragens por sucessivas civilizações das quais ficaram para a posteridade inúmeros vestígios, como moedas, medalhas, inscrições votivas, marcos miliários, peças de cerâmica, pesos de tear, *tegullae*, entre outros. A escolha do local foi ditada pelas propriedades raras da terra e do clima, propícias ao amanhar, com sucesso, do solo.

Tais propriedades mantiveram-se na matemática do tempo *mutatis mutandis*, podendo ainda hoje ser experienciadas. Na prepotência da natureza ecoa uma miríade de miríades de ecos que conduzem a reminiscências que é possível reviver num ambiente de regulada pressurização. O vale, no estendal do granjeio, acolhe os assobios dos pássaros numa orquestra onde cores e sons se fundem. Hortas, pomares, pastagens, colgaduras de matagais fazem parte de um habitat variado por onde esbraveja uma fauna díspar, imbuída do mesmo espírito selvático do Pires, famoso bandoleiro daqui natural.

Quão belo é sentir aqui a renovação quaternária, cada vez mais mesclada, das estações. Numa paz, como a dos pousios, que em Vide os há em todas as latitudes, sentem-se emoções musicais e coloridas primaveris como acendalha que dá lugar ao estatelar do sol veraneio a que se seguem as chamadas águas novas. Estas, ali não poisam enquanto o Verão não se define verdadeiramente, isto é, enquanto as primeiras aragens polares não lavam a atmosfera dos seus fervores. Esse é o momento para ver reluzir no tojo lantejoilas como lágrimas esbagoadas de ouro líquido. Das árvores caem as folhas mas o verde-glaucos persiste, toldando os campos. Os pinheiros mantêm-se viris, no seu bronze mate e os soutos mantêm-se carregados, que nem mafarricos, de portentosos ouriços por onde robustas castanhas espreitam na sua túnica cor de sépia. Dos lagares exalam perfumes derivados da azáfama terminada e a marrã, celebrada não muito longe dali, no monte onde os apóstolos de S. Francisco ainda na primeira metade de quatrocentos montaram poiso, há muito já fervilha nas frigideiras. Depois vem a invernia que aqui é sempre mais leve do que na maior parte dos lugarejos da sub-região.

Olhar para estas aguarelas é viajar por várias dimensões, rememorar tempos já idos dos quais alguns legados ainda não findaram. Quem ousar apreciá-las não poderá daqui desmontar sem uma passagem pelas capelas do Espírito Santo (outrora de S. Sebastião), e de S. João, esta antiquíssima e alvo, em tempos remotos, na ocasião do dia da festividade, de procissões de clamores com cânticos do coro da colegiada da Rua e feira em redor do templo.

## Vila Chã

Vilã Chã é mais um dos lugarejos de minguados limiares do sertão provinciano. Envolve por um denso coberto de vegetação é partícula indispensável a quem se move por curiosidade pura de ver ou quem se desloque por febre de matar o tempo. Pertence, desde tempos imemoriais, à freguesia de Caria.

O seu povoado inicia-se da outra banda da estrada que tem à ilharga a capela do Senhor dos Aflitos, construída por iniciativa de Joaquim de Sousa Morais Faião. Hoje, a estrada que retalha o povoado tem continuação até Carapito, por entre verdes matas, pinheirais. Soluços de verdura, torrentes de montanha, entremeadas de chapadas de urzes e feitos. A gama de verdes é quase infinita.

Árvores há de remoto plantio, do tempo das candeias de barro. Outras apenas despontam ou vivem a puberdade. Espécimes selváticas, as mais comuns, nascidas à sorte, Deus as semeou. Por elas serpenteiam as curvas do estradão, quais ganchos de cabelo.

Nos altos de policromia que toldam a samarra dos montes, cachoam e zoam nos ouvidos os chinfrins estrídulos da pardalada, lançando as suas árias como um terceto de aldeia. Mas também deambulam nas chãs sem temor pelas ramagens elevadas como cruces processionais.

Sol e chuva aqui caem a prumo. Do alto chegam visos das sortes de mato enxadrezado, florido, sombreado. Diáfanos, ténues, chegam, coados nos filtros divinos da montanha, mil ruídos da gestação da serra e vale. E chegam porque os ares são lavados, deambulando tanto pelos píncaros fúlgidos das alturas como nas funduras.

Um ponto de água que brota da terra imprime fertilidade a este povoado. Corre até Vila Cova e daí até à Ribeira do Mileu. Assim encontramos Rio e Serra irmanados na orquestração do lidar rústico e caseiro, na sua velha e tradicional litúrgica e rítmica ordenada. Motivo para perguntar se se sabe apreciar hoje todo o valor e autenticidade deste certame, acompanhando-o e acarinhando-o convenientemente.

Sentem-se por toda a parte ecos da humanidade de passadas gerações. Presentem-se ainda os longes onde se trabalhava de sol a sol, com dias pequenos de seis a oito horas no Inverno, sempre com a interrupção meridiana do jantar às Trindades. O Verão, misto, de data fixa e móvel, iniciava-se agricolamente com a sacha e terminava com o S. Miguel. Alegre, álcere, rubente, cantarolando a moda há que tempos inventada, o povo amanhava a terra. Antanho, aqui se transmitia entre gerações a experiência de séculos recebida, numa impermeabilização congénita de raça.

Em 1527 Vila Chã contava com apenas 8 moradores. Em 1758 eram 22 as habitações aí existentes, nas quais residiam 60 pessoas. No campo do património histórico destaca-se a *Cruz de Pedra*, que apresenta duas faces insculpidas com uma cruz. Aqui paravam antigamente os cortejos fúnebres para rezar. Paganismo, pensei. Cristianismo, emendei. Uma pequenina ermida de oração construída nos inícios do século XX e uma alminha granítica robustecem aqui o espectro da vivência do religioso.



## Vila Cova

Publicado no dia 17/05/2013

Vila Cova, nome que deriva da situação geofísica do lugar é uma aldeia pertencente à freguesia de Caria. Está assente numa apertada bacia, banhada por uma pequena e serena corrente de água que para aí corre de Vila Chã, fertilizando tudo quanto é torrão até aos moinhos da *Bóca*, sumindo-se para o Mileu e daí fenecendo no Távora. A cova por onde se espreguiça o povoado desde o fundo até ao Eido e às Eiras está guardada por montes onde vegetam várias espécies florísticas, sobretudo pinheiros, urzes e mimosas. Os ares humildes, de frescura sã; os feixes luzidios que se estatelam nas molduras traçadas pelo picotado dos caminhos; as estrofes heróicas chilreadas em composições de ecos; o tergiversar da fauna no escuro; o clarear do firmamento em cheias aluviais de branco; as sombras chapadas nas fragas de curioso ornato; entre tantos outros deleitáveis espectros existentes em Vila Cova, provocam visos capazes de estiolar a mais acutilante antipatia figadal.

O lugar terá sido derivação de vários povos, entre eles o do *Richo*. O sítio do *Porto* é um arqueossítio, tendo-se aí encontrado tijolos, moedas, pesos e sepulturas escavadas na rocha do período medievo. Teve esta terra, no século XIX, uma fábrica de fósforos ou palitos, como lhe chamavam. À parte desta, as fainas agrícolas sempre dominaram a economia. Abundava sobretudo o cereal, secado em lajas como a de *Valquintinho* e transformado nos moinhos.

Aqui nasceram alguns indivíduos com propensão para o ministério da igreja, designadamente Francisco António de Andrade, abade colado dos Arcozelos e arcipreste de Moimenta da Beira; Francisco de Sousa Morais Faião, que juntamente com o ministério eclesiástico se destacou nos meandros da política local; e António Francisco de Andrade, que paroquiou Nagosa, Paradinha, Baldos, Arcozelos e Moimenta, tendo sido o autor da primeira monografia do concelho e de outros trabalhos de interesse. Outro filho desta terra a relevar é Joaquim de Sousa Morais Faião, a quem se deveu, entre outras coisas, a piedosa iniciativa de construção da capela do Senhor dos Aflitos, fonte e casa-hospedaria para os dias de festa. Este templo, sito no vértice da Cabeça d'Alva, à sombra de cujas paredes foi fundada em 1892 a Irmandade de Nosso Senhor dos Aflitos, bem como o povo que ali foi formigando, enriquecem ainda mais esta terra e toda a freguesia.

Em tempos remotos por aqui passavam pobres e viandantes. Na albergaria podiam encontrar cama, lenha e um cântaro de água. Do seu espaço físico não há vestígios, não obstante aqui e acolá permaneça algum casario granítico mais rústico. Em 1527 tinha 37 moradores e em 1758 existiam aí 32 casas e 85 habitantes.

Tem a aldeia dois templos católicos em uso: a capela de S. Tiago, padroeiro da terra, da qual reza a tradição oral que terá sido igreja matriz, o que parece comprovar-se com alguns motivos artísticos e históricos de relevo, designadamente a pia baptismal, algumas inscrições e a presumível existência remota de sepulturas escavadas na rocha em terrenos adjacentes; e a capela de Santo André construída em 1882, que veio substituir outra primitiva existente num monte com o mesmo nome que se desmoronou. S. Domingos também se venerava neste rincão, mas a capela, no perímetro da qual foram encontradas ossadas, foi desmantelada. Em 1758 ainda estava em uso, tal como asseverava o reitor de Caria Manuel dos Santos Veloso na Memória Paroquial que redigiu.

O património de Vila Cova estende-se para lá dos conjuntos arquiteturais referidos. Nas imediações da localidade, num espaço de pousio, é possível contemplar um robusto buraco eximamente talhado num bloco granítico, tido pela tradição oral como o "*lagar dos mouros*", sepultura escavada na rocha ou lagareta. Outras terão existido, no *Porto*, na margem Oeste da ribeira do Mileu, onde também foram encontradas moedas, pesos e *tegulae*. Ainda outra, semelhante, existe na *Rocha DaJoana*, em Senhor dos Aflitos. São apenas alguns entre tantos outros vestígios do passado que é possível por aqui contemplar, justificando uma visita.

## Vilar

Publicado no dia 10/02/2012

Vilar é terra idílica que merece visita demorada. Se possível fosse olhar esta povoação centúrias antes, encontrar-se-ia um habitat distinto. Dele, há ainda hoje resquícios que fazem lembrar esse passado arcaico, virginal. Por aqueles oiteiros arriba, o soão é ainda quem mais brame, parecendo ora vozes a pedir misericórdia ora bocas desdentadas de feiticeiras a despique. O temporal abate ainda árvores, derroa ainda telhados e alaga ainda leitões que em noites luarentas acendem os charcos e deles fazem espelhos onde os santos espreitando pela janela do céu podem mirar os seus rostos fagueiros. O Inverno é isso e muito mais. Arrasa fontes, estruma os montes com os seus borrifos mas cerceia o alimento animal que só pelos carrapitos dos montes descobre fêvera para se desougar.

As épocas estivas e primaveris fazem esquecer as estações mais rigorosas. Acorda a aldeia, nesses períodos, envolvida em perfumes silvestres e ao cantar de alba dos passarinhos. O céu, apresenta-se límpido e para oriente as nuvens púrpura a que se chama “cabra esfolada”, prenunciam dia soalheiro que ao fim do dia coalha de fogo um céu toldado em tons laranja avermelhado. É nesta altura que o coração é testemunha ocular do encanto do vale onde desfila o Távora.

O rio que se estende no fundo no vale, outrora fronteira da Estremadura, além de panorama paradisíaco, num reboar constante de artilharias a trote, crescia até fenecer em leito maior. Alpondras e pontões serviam para o transpor, mas era a robusta ponte do Vilar, a maior sobre o Távora, o motivo que fazia parar os olhos mais ávidos de arte. Atribuída a sua construção ao conde D. Henrique, era imponente e formosa. Tinha de comprimento mais de cento e vinte metros, rondava os cinco de largura e pouco ficava aquém dos onze de altura. Nela fitavam-se quatro elegantes arcos protegidos por talha-mares. Foi em 1983 que se desmantelou este importante monumento, na sucessão das obras que despontaram na construção de uma albufeira destinada à produção de energia. Desaparecia assim um espécime arquitectónico com centúrias de história, por onde passaram aguerridas hostes, por onde passaram também ao longo dos anos formigueiros de romeiros devotos de N. Sra. da Saúde.

É no interior das cristalinas águas deste rio que se obtém a matéria-prima para a deliciosa calda de escabeche, gorda e profunda como cheia do Nilo, que afoga na caçoila boa dúzia de trutas, esses extraordinários salmonídeos que, segundo Aquilino, pediram a casaca aos marqueses de Luís XIV, para serem os janotas da água doce. Aprecia-se com broa de centeio, negra e crivada de olhos pequeninos, como se tivesse levado tiros de escumilha e com o vinho do Távora que passa a titilar nas goelas como os gorgolejos das águas bravias por entre as escarpas e as veigas.

O Vilar é terra de S. Bartolomeu, apóstolo. Dele há notícias em fontes e documentos antigos. Desde logo atestam a ancianidade do povoamento deste lugar as várias sepulturas escavadas na rocha, pertencentes aos alvares da nacionalidade. Foi D. Afonso Henriques quem outorgou a honra de Fonte Arcada ao aio Egas Moniz. Deve datar dessa altura o aparecimento do Vilar. Nas inquirições de 1258 já aparece nomeada esta terra que apenas no período moderno viria a ser freguesia, fruto do seu crescimento. Até então, pertencia a essa ilustre e donairoza terra que forjou o seu nome de uma Fonte Arcada ali erecta. Vilar de Fonte Arcada, assim se chamava. Era dessa multissecular povoação, da outra banda do Távora, que o cura da paróquia vinha apresentado no século XVIII.

O templo católico, voltado a poente, é longo e encontra-se cimentado num local arejado, em miradouro, que o permite ser fitado de longe. Serve-lhe um lance de escadaria que dá lateralmente acesso a um carreiro que conduz à reentrância coroada com torre, não muito alta e adossada ao telhado. O interior é fino e possui pormenores artísticos de incontornável valia. Consta que terão existido templos rupestres nas suas imediações. Em tempos realizava-se no adro uma feira anual com o nome do padroeiro. Outros templos possuiu esta terra, públicos e particulares, assim como sepulturas escavadas na rocha construídas no período medieval, designadamente no *Curaceiro*.

O Vilar foi sempre aldeia modesta, ainda que culta. De acordo com um rol da Inquisição datado de 1621, existiam aí 37 possuidores de livros. Em 1758 eram cento e dezasseis vizinhos os

que ai habitavam. Em 1855 o concelho de Fonte Arcada soçobrou às mãos da reforma administrativa e foi integrado no de Sernancelhe. Foi então que o Vilar passou a integrar o de Moimenta da Beira. Por esta altura fabricava-se aí telha e azeite, a que acrescia ser rincão farto em milho, centeio, linho, batatas, hortaliças e frutas. O vinho era em tempos especial, sendo designado de *dourozinho*. Estes são apenas alguns ecos de um passado maior à espera ainda de ser contado.